

A estação do Neolítico Antigo de Cabranosa (Sagres, Vila do Bispo): estudo dos materiais e integração cronológico-cultural

João Luís Cardoso*, António Faustino Carvalho**, José Norton***

Resumo

Estudam-se os materiais de recolhas superficiais e de escavação de sector limitado da estação do Neolítico Antigo de Cabranosa. Merece destaque a análise exaustiva do espólio, agora pela primeira vez apresentada, bem como a datação absoluta obtida. A cerâmica cardial documenta um dos conjuntos mais importantes do território português, com exemplares quase completos. No talhe da pedra dominam resíduos de fabrico de utensílios (lascas, núcleos), assinalando-se também uma importante componente de lamelas produzidas por pressão. Estas produções locais recorriam ao sílex disponível na região, à semelhança do verificado para a pedra polida. Trata-se de uma ocupação estável, baseada na pastorícia de ovinos / caprinos e na agricultura incipiente de trechos arenosos, na adjacência de linhas de água locais, complementada pela recolção de recursos marinhos disponíveis a menos de 2 km. A Cabranosa vem, deste modo, documentar que já no Neolítico Antigo existiam na região populações praticando a agricultura e a pastorícia favoráveis à sedentarização. Para além dos produtos de origem local, alguns vasos não cardiais sugerem origem exógena, embora de distância inferior a 40 km. Culturalmente, este grupo aparenta maiores afinidades com o Neolítico cardial tardio do litoral mediterrâneo (Andaluzia oriental, Valência) do que com as regiões mais próximas (Alentejo litoral e Andaluzia ocidental).

* Academia Portuguesa da História, Universidade Aberta (Lisboa) e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

** Instituto Português de Arqueologia.

*** Rua S. Francisco Xavier, n.º 60, 1400 Lisboa.

Abstract

In this work, we study the archeological materials collected on the surface and during the excavation of the Early Neolithic site of Cabranosa. These materials are studied in detail for the first time and the absolute date of the site is given. The cardial ceramics group of artifacts is one of the largest in portuguese territory with several vessels nearly complete. Remains of stone work (flakes, nuclei) predominate in the flint group of artefacts as well as an important component of lamellae obtained by pression technique. This local productions used the silex available in the region, and the same occurred for polished stone tools. The settlement appears stable and based on the herding of ovicaprids, on an incipient agriculture made on sandy soils near-by the rivers and on the collection of marine resources available at less than 2 km distance. The settlement of Cabranosa documents the existence in this region of sedentary populations dedicated to agriculture and herding during the Early Neolithic. Some non-cardial vessels suggest an exogenous origin, but from distances less than 40 km. In terms of cultural integration, this human settlement presents stronger affinities with the late cardial Neolithic of the Mediterranean littoral (East Andaluzia, Valencia) than with the nearest regions (littoral Alentejo and West Andaluzia).

1. Antecedentes, situação geográfica, características gerais de ocupação

A estação do Neolítico Antigo de Cabranosa foi identificada no decurso dos levantamentos geológicos da folha de Vila do Bispo, mercê da recolha de alguns fragmentos de cerâmicas grosseiras, inquestionavelmente pré-históricas.



Reconhecida por O.V. Ferreira a importância científica desses materiais, desde logo atribuídos ao Neolítico Antigo, foram estes, por sua iniciativa, completados com outros, também de recolha superficial. Este conjunto deu origem a uma primeira notícia (Ferreira, 1970), a qual reflecte em grande parte o trabalho que aquele saudoso arqueólogo vinha preparando com J. Guilaine. Este último estudo, publicado no mesmo ano (Guilaine e Ferreira, 1970), não carrega elementos de maior pormenor dos apresentados do trabalho anterior. As cerâmicas são sumariamente referidas no respeitante à textura e coloração; quanto à decoração, salienta-se o facto de que “[...] nombreux pièces sont décorées selon la technique cardiale tout à fait classique” (p. 306), embora só se reproduzam as peças já apresentadas no estudo anterior. Menciona-se ainda a existência de

diversos machados de pedra polida, acompanhados por “un ensemble d'éclats de silex peu typiques” (p. 306).

A ocorrência, no extremo meridional do litoral português, de materiais arqueológicos com tais características, relevantes para o conhecimento das primeiras comunidades neolíticas do território português, motivou a manutenção do interesse de O.V. Ferreira e colaboradores pela estação. Assim, em Julho de 1975, J. Norton efectuou sucessivos reconhecimentos na área de distribuição dos achados, tendo recolhido fragmentos decorados que se verificou pertencerem em parte a vasos já reproduzidos anteriormente, e um conjunto apreciável de artefactos de silex que, tanto qualitativamente como quantitativamente, contribuiu largamente para a caracterização da componente lítica. Também nessa ocasião se localizou, a cerca de 2000 m do núcleo dos achados, entre dunas e enterrado na areia, um grande vaso globular liso (fig. 7), sem que nas proximidades se encontrasse qualquer outro vestígio (fig. 8).

Em Dezembro de 1976, no decurso de prospecções que continuaram a ser periodicamente efectuadas por O.V. Ferreira, M. Leitão, C.T. North, J. Norton e G. Zbyszewski, foram identificadas, nos limites da distribuição principal de materiais arqueológicos, várias manchas de areias acinzentadas e um pouco mais consolidadas, com restos malacológicos, sugerindo a existência de lareiras, o que se veio a confirmar pela respectiva escavação. Nessa altura, foi realizada a planta da pequena sondagem efectuada, com a localização dos ecofactos e artefactos recolhidos no nível do solo de ocupação antigo (Zbyszewski *et al.*, 1981). A presença destas estruturas de combustão incitou os referidos elementos a procederem à delimitação, o mais fielmente possível, da distribuição de materiais arqueológicos à superfície. Deste exercício resultou a identificação de uma área grosseiramente elíptica, com cerca de 150 m de eixo maior (fig. 1). Das recolhas então efectuadas, foram obtidos mais fragmentos decorados, os quais, somados aos anteriormente reunidos, permitiram a reconstituição de diversos recipientes, mais ou menos completos (*Ibidem*, Pl. III a IV).

Foi também recolhido, por J. Norton, um machado mireense, isolado, a algumas centenas de metros a Norte da área de maior concentração de vestígios. A posição estratigráfica desse machado indica ser mais antigo que as dunas móveis actuais com impregnações calcárias, pois jazia no contacto entre elas e o substrato geológico local (paleosolo endurecido avermelhado). Por conseguinte, o machado mireense é anterior ao conjunto do Neolítico Antigo, contemporâneo da formação das dunas. Com efeito, tanto o grande vaso liso como os fragmentos cerâmicos recolhidos estavam incorporados e à superfície das areias móveis. O horizonte arenoso cinzento onde se observaram as duas estruturas de combustão, ligeiramente endurecido por impregnações carbonatadas resultantes da presença de conchas e de matéria orgânica, consiste em manchas carbonosas de combustão circunscritas que se conservavam no seio da duna.

Mercê da deslocação das areias das dunas pela acção eólica, é possível que futuras prospecções proporcionem a identificação doutros locais com materiais neolíticos e com a mesma posição estratigráfica na vasta plataforma que se desenvolve a Nordeste de Sagres.

Estar-se-á, pois, perante uma ocupação humana que, no decurso do Neolítico Antigo, se dispersou por uma vasta plataforma regular, limitada a Ocidente e a Sul por uma escarpa marítima, desenvolvendo-se entre 50 e 60 m de altitude e coberta por dunas móveis com escassa vegetação.

Neste contexto, a água é escassa e os poucos solos agricultáveis distribuem-se sobretudo ao longo dos cursos de água temporários que atravessam a área. A estação situa-se na adjacência de uma dessas linhas sazonais, o barranco do Vale Santo, de orientação geral NW-SE, cuja confluência com a ribeira da Cabranosa, de orientação N-S, se verifica cerca de 200 m a jusante. A presença de solos arenosos facilmente agricultáveis com o recurso a pequenos sachos de pedra, como os recolhidos, poderá explicar em parte a implantação nesta região e ao longo de todo o ano de uma comunidade humana, cuja base alimentar seria sempre complementada, especialmente no Verão, pelos recursos marinhos, bem representados na estação. Com efeito, a distância mínima que separa a estação do oceano, cerca de 2 km a SSW, coincide com a praia do Belixe, que proporcionava um fácil acesso ao litoral e à exploração dos seus recursos.

A comunidade que ocupou a Cabranosa no Neolítico Antigo revela, pois, uma economia produtora, contrastando com a que caracterizou o quotidiano da comunidade que ocupou a praia do Castelejo a cerca de 6,5 km para Norte. Datável do Neolítico Antigo evoluído, não revelou porém a prática da agricultura, sendo as suas bases económicas baseadas unicamente na recollecção sazonal dos recursos marinhos litorais (Silva & Soares, 1997). Tal não significa forçosamente a coexistência de dois estádios económicos bem diferenciados no decurso do Neolítico Antigo, um exclusivamente recolector, outro já praticante das técnicas de produção de alimentos. É possível a adopção, consoante a época do ano e a maior ou menor facilidade de captação dos recursos, de uma ou outra prática. Esta situação é, aliás, recorrente ao longo da costa alentejana em diversas épocas – atente-se, por exemplo, nos concheiros do Neolítico Médio e Final da região da Comporta (Silva *et al.*, 1986).

A presença de animais domésticos associados à possível prática da agricultura, ainda que incipiente, complementada pela recollecção de moluscos ao longo litoral, configura a imagem de uma economia diversificada, praticada por uma sociedade sedentária. O significativo grau de sedentarização é, aliás, sugerido na própria estação pelo achado de um recipiente globular de grandes dimensões (destinado sem dúvida a armazenamento), incompatível com a hipotese da fácil e frequente mobilidade dos respectivos utilizadores.

2. Espólio¹

2.1. Indústria cerâmica

As peças cerâmicas recolhidas podem ser descritas no respeitante a diversas características, a saber:

¹ Os desenhos que ilustram este trabalho são da autoria de B. L. Ferreira.

2.1.1. Pastas e coloração

A observação microscópica dos materiais recolhidos, permitiu isolar os seguintes grupos:

Grupo 1a

Pastas grosseiras, com abundantes elementos não plásticos (ENP) de litoclastos mais ou menos rolados (xisto, grauvaque e quartzo). As colorações são, predominantemente, castanho-alaranjadas à superfície, raramente com a superfície interna mais escura; os núcleos são cinzento-anegrados. Mesmo recipientes quase completos ostentam colorações uniformes. Este grupo encontra-se representado pelos exemplares da fig. 2 e da fig. 3, n.º 1.

Grupo 1b

Pastas igualmente grosseiras e de idêntica coloração, diferindo do anterior por possuírem, frequentemente, e para além dos ENP antes identificados, grandes cristais sub-euédricos de feldspato, sem indícios de rolamento (fig. 3, n.º 2; fig. 6, n.º 1, 2 e 4; fig. 9, n.º 2).

Grupo 2

Pastas mais finas, de onde se encontram praticamente ausentes os litoclastos, abundantes no grupo anterior, substituídos neste por abundantes grãos de calcite e de feldspatos, de coloração branca, por vezes pontuando intensamente a superfície dos recipientes. As cores das pastas mostram-se mais desmaiadas, jamais exibindo tonalidades vivas: domina a coloração beje-acastanhada. Tanto a superfície interna como o respectivo núcleo são, nalguns exemplares, anegrados. Encontra-se representado pelos exemplares das fig. 4; fig. 5; fig. 9, n.º 1 e 3; fig. 10; e fig. 7.

2.1.2. Formas

O conjunto integra diversos recipientes, completos ou quase. Estão representadas as seguintes formas:

- vasos fechados, em forma de saco (fig. 2; fig. 3, n.º 2; fig. 9, n.º 1);
- vasos em forma de saco, de colo estrangulado (fig. 3, n.º 1);
- vasos abertos, de fundo parabolóide (fig. 4; fig. 5);
- vasos globulares de colo estrangulado (fig. 7).

Os restantes exemplares figurados pertencem a vasos de forma indeterminada.

2.1.3. Técnicas e padrões decorativos

2.1.3.1. *Cerâmicas impressas de técnica cardial*

Estão representadas por dois exemplares em forma de saco, um deles de colo estrangulado (fig. 2 e fig. 3, n.º 1). No primeiro, o padrão decorativo é

constituído por métopas paralelas entre si, horizontais ou verticais, organizadas logo abaixo do lábio e na parte superior do bojo, entre as quatro pequenas asas de perfuração vertical ali implantadas. A intensa erosão que afecta a superfície do recipiente prejudica não só a nitidez das impressões, mas também, nalguns sectores, a própria interpretação da respectiva organização. O sector representado (fig. 2) corresponde à parte melhor conservada.

O segundo vaso com decoração cardinal mostra-se menos erodido embora lhe falte a porção superior do colo (fig. 3, n.º 1). Possui quatro asas de perfuração horizontal, dispostas simetricamente no bojo. A parte superior da superfície do bojo, entre os elementos de prensão, encontra-se preenchida por grupos de três bandas de métopas horizontais, sendo nítida a impressão do bordo sinuoidal da concha que as produziu.

2.1.3.2. *Cerâmicas impressas não cardiais*

Encontram-se representadas pelo grande vaso aberto de corpo parabolóide (fig. 4). Possui, partindo do lábio, quatro pequenas asas em fita; como elementos de prensão acessórios, dispunha de perfurações troncocónicas, realizadas após cozedura, de que subsiste apenas uma.

A decoração é constituída por pequenas impressões arqueadas, em forma de meia-cana, todas iguais, mais profundas numa das extremidades. O padrão decorativo assim obtido é muito regular; corresponde a quatro bandas constituídas por nove métopas horizontais nos espaços situados entre os elementos de prensão e por uma banda contínua, ao longo da parte inferior do bojo do recipiente, produzido por três métopas idênticas às anteriores (fig. 4).

2.1.3.3. *Cerâmicas com decoração plástica*

Avultam os seguintes tipos decorativos:

Cordões simples em relevo

Estão presentes no grande recipiente aberto de corpo parabolóide (fig. 5), onde constituem elemento decorativo de ligação entre as asas, bem como motivo de semi-círculos em relevo, de tipo grinalda, sob o bordo. Os mesmos cordões simples arqueados observaram-se entre as asas de um fragmento de grande vaso de corpo esferoidal (fig. 9, n.º 3).

Cordões em relevo interrompidos por impressões

Estão presentes em recipientes tendencialmente abertos, constituindo, tal como anteriormente, elementos de ligação entre mamilos ou botões, situados imediatamente sob o bordo. Estes cordões podem desenvolver-se de forma muito tenuemente arqueada, na horizontal, acompanhando os bordos dos respectivos recipientes (fig. 3, n.º 2; fig. 6, n.º 1), ou na vertical, formando grinaldas muito mais arqueadas, partindo de idênticos elementos de prensão (fig. 6, n.º 2 e 4).

Os cordões exibem interrupções produzidas pela impressão transversal ou longitudinal de matrizes em meia cana; no primeiro caso mostram-se idênticas à

do exemplar da fig. 4, mas de maiores dimensões e mais profundas (fig. 6, n.º 1); no segundo caso, a matriz arqueada foi aplicada longitudinalmente (fig. 6, n.º 2); noutros casos, os cordões são simplesmente interrompidos pela impressão transversal de ponta romba ou de haste aplicada lateralmente (fig. 3, n.º 2; fig. 6, n.º 4). Outros fragmentos, não desenhados, talvez pertencentes ao mesmo vaso, exibem características semelhantes.

Impressões do mesmo tipo podem observar-se tanto no bordo de um destes fragmentos (fig. 6, n.º 1), dando origem a um bordo denteado simples comum nas cerâmicas do Neolítico Antigo, como na parte superior de asa com perfuração horizontal (fig. 10, n.º 1).

2.1.3.4. *Cerâmicas com decorações incisas*

Encontram-se representadas por fragmento de recipiente fechado, talvez em forma de saco, de bordo ligeiramente espessado interiormente (fig. 9, n.º 1). A decoração corresponde a sulcos verticais irregulares, constituindo banda contínua logo abaixo do bordo. Outro fragmento, não desenhado, perfaz o conjunto inciso reconhecido na Cabranosa.

2.1.4. Elementos de preensão

Reconheceram-se os seguinte tipos:

2.1.4.1. *Asas*

- Asas anelares de perfuração vertical (fig. 2).
- Asas anelares de perfuração horizontal (fig. 3, n.º 1; fig. 10 n.º 2 e 4).
- Asas em fita, mais ou menos espessas. Observam-se tanto no bojo como partindo do bordo dos respectivos recipientes. No primeiro caso, trata-se de asas de médias a grandes dimensões (fig. 5; fig. 9, n.º 2 e 3; fig. 10, n.º 1); no segundo caso, apenas representado por um exemplar (fig. 4), as asas exibem menores dimensões.

2.1.4.2. *Pegas e mamilos simbólico-decorativos*

As pegas, pela sua própria designação, correspondem no essencial a elementos funcionais de preensão e manuseamento dos recipientes onde ocorrem. Nem sempre, porém, a sua separação dos elementos de índole essencialmente decorativa ou simbólica é clara, podendo até, em certos casos, ser possível uma tripla finalidade, funcional, decorativa e simbólica. À área sobretudo funcional podem atribuir-se os exemplares das fig. 5 e fig. 10, n.º 3, 4 e 6, implantados sobre o bordo dos recipientes, facilitando deste modo a sua preensão.

Carácter predominantemente decorativo terão os mamilos de menores dimensões, estreitamente articulados com outros elementos decorativos (fig. 3, n.º 2; fig. 6, n.º 2 e 4) ou isolados (fig. 7). Estes últimos não poderiam desem-

penhar quaisquer funções na prensão do grande recipiente onde se implantam, conclusão reforçada pela respectiva morfologia.

2.1.5. Relações entre as pastas e a tipologia

Verifica-se que as pastas do Grupo 1a, grosseiras, com abundantes ENP rolados de xisto ou grauvaque, acompanhadas por grãos de quartzo igualmente rolados, são característicos dos recipientes com decoração cardial. Esta situação sugere fabricos locais, utilizando-se como desengordurantes tais elementos, disponíveis nas proximidades da estação arqueológica. Em contrapartida, a larga maioria dos restantes recipientes, de pastas mais finas, incorporam como ENP pequenos e abundantes grãos feldspáticos, os quais são provavelmente originários de areias ou solos derivados do maciço ígneo de Monchique, de natureza essencialmente sienítica (Grupo 2). Algumas pastas, mais grosseiras (Grupo 1b), incorporam cristais sub-euédricos de feldspatos não rolados resultantes da britagem de rochas ígneas cristalinas, também com origem mais provável no maciço de Monchique. Nestas pastas observam-se, acessoriamente, grãos de litoclastos de xisto ou de grauvaque e de quartzo. Tais pastas correspondem aos recipientes com decoração de cordões segmentados em relevo.

A conclusão geral que se pode extrair é a de que todas as cerâmicas poderiam ter sido fabricadas na região ou mesmo localmente, cabendo neste último grupo apenas as de decoração cardial, que incorporam exclusivamente ENP disponíveis na área da estação. Correspondendo a Cabranosa a uma ocupação única – não se identificaram cerâmicas atribuíveis a períodos mais tardios – pode admitir-se uma comunidade, que, aquando da sua instalação no local, já transportava de outro sítio um conjunto de recipientes que depois ali continuariam em utilização. Em alternativa, há a possibilidade de a referida comunidade ter produzido localmente cerâmicas cardiais num primeiro momento da sua instalação, as quais logo teriam sido substituídas por outras oriundas de um espaço geográfico mais alargado. Com efeito, não se crê no Neolítico Antigo a existência de trocas de ENP feldspáticos que possam explicar a sua incorporação em produções locais, onde tais minerais não existiam. Esta situação, porém, foi demonstrada no Neolítico Final, Calcolítico e Idade do Bronze na Estremadura (Cardoso, 1993; Cardoso e Cunha, 1995; Cardoso, 1997/98).

2.2. *Talhe da pedra*

2.2.1. Inventário

O talhe da pedra no sítio da Cabranosa envolveu a exploração de um leque relativamente alargado de rochas: sílex, cristal de rocha, quartzo, quartzito e grauvaque. Contudo, o peso relativo de cada uma no seio do conjunto é muito variável. Algumas estão representadas essencialmente por seixos talhados e/ou com sinais de utilização, como percutores (quartzito e grauvaque), ou por restos de talhe singulares e incaracterísticos (cristal de rocha e quartzo).

Apenas o sílex tem um número considerável e tecnologicamente diversificado de materiais.

O cristal de rocha forma um conjunto que totaliza 17 peças (77 g):

- seis cristais brutos e três fragmentados denotando algum rolamento; dois dos intactos são provenientes da lareira escavada; os comprimentos nunca excedem os 3 cm;
- sete cristais algo rolados e apresentando, em uma das extremidades, curtos negativos de levantamentos lamelares não patinados – trata-se de «utensílios de aresta distal»; um destes exemplares foi recolhido na área da lareira;
- uma esquirola de talhe e uma pequena lasca.

O quartzo está apenas representado por uma calote de seixo com sinais de percussão (esquirolamento miúdo) no anverso cortical.

O quartzito, também numericamente pouco expressivo, inclui uma lasca parcialmente cortical, com retoque curto ao longo do bordo oposto à zona cortical (o que levou à sua classificação pelos escavadores do sítio como “raspador”) e um percutor-bigorna sobre seixo de forma aproximadamente almenadrada, com pátina castanho-avermelhada, apresentando sinais de percussão violenta nos topos, nos flancos e no centro das superfícies superior e inferior.

O grauvaque, por seu lado, serviu essencialmente para a confecção de artefactos destinados a tarefas “pesadas”. O inventário dos materiais desta rocha é o seguinte:

- dois fragmentos mesiais de seixos achatados, de cor acinzentada;
- dois seixos talhados: um de forma achatada, de perfil direito, secção transversal ovalada, de cor castanho-esverdeada, truncado por lascamento; outro, muito rolado, apresenta secção transversal arredondada, cor castanha com alguns veios de quartzo branco e pátina castanho-avermelhada, e está afectado num extremo e em parte do anverso por talhe invasor;
- uma lasca com córtex de seixo;
- um percutor sobre seixo muito alongado, de perfil direito e secção transversal oval, com pontos de impacto marcados nos topos.

Além destas peças, salienta-se a presença de um grande seixo largo, de perfil achatado, onde se distinguem dois momentos de talhe (fig. 11). No primeiro, foram extraídas lascas corticais muito largas (cerca de 5 cm de comprimento por 6 cm de largura); este talhe, que correspondeu a um desbaste preliminar, afectou apenas os topos e um flanco do seixo, que ficou nitidamente côncavo. Num segundo momento, foi aplicado talhe bifacial para o retoque de um dos topos e o flanco previamente lascado, acentuando-lhe a concavidade; os negativos deste retoque são muito menores que os da fase anterior, apresentando cerca de 2-3 cm de comprimento. Numa das superfícies corticais observa-se ainda uma faixa com polimento anterior à primeira fase de lascagem e ao longo dos bordos notam-se sinais de utilização (esquirolamentos e massacramento dos gumes). Esta peça mede 11,4 cm de comprimento, 8,9 cm de largura e 4,0 cm de espessura, pesando 543 g.

O grosso do material de pedra lascada, portanto, é proveniente da parte superior do depósito arenoso e pode ser associado com segurança à ocupação do Neolítico Antigo representada pelas cerâmicas impressas e incisas. Evidência segura nesse sentido é a escavação da área em torno da estrutura de combustão, onde, para além de fragmentos de cerâmica daquela tipologia, se recolheu um conjunto lítico igual ao de superfície (composto por cristal de rocha e sílex).

O sílex está representado por 814 peças, que pesam pouco mais de 10 kg (Quadro 1). Enquanto nos casos anteriores as rochas estão representadas por peças avulsas, no sílex encontram-se todas as etapas das cadeias operatórias. Os sílices são muito semelhantes, mas podem distinguir-se, com base em observações macroscópicas, os seguintes tipos principais: (1) sílex de cor bege ou amarelo-claro; (2) sílex com as mesmas cores do grupo anterior, mas incluindo uma banda rosada suave, com largura variável, localizada entre o miolo do nódulo e o seu córtex; (3) sílex amarelo-escuro com bandas difusas castanho-avermelhadas; e (4) sílex amarelo ou bege escuro e de aspecto poroso. Os processos de talhe praticados no sílex não parecem, no entanto, ter sido condicionados por aquelas diferenças.

2.2.2. O talhe do sílex

A análise do córtex dos núcleos permitiu verificar que os locais de abastecimento foram quase exclusivamente depósitos aluviais. Com efeito, 82% daquelas peças apresenta córtex de alteração com vestígios de posterior rolamento aluvial ou «córtex de seixo» e apenas 14% corresponde a nódulos com córtex de alteração sem indício aparente de rolamento aluvial. Estes dados indicam que os locais de abastecimento poderão ter sido as margens das ribeiras que atravessam a região da Ponta de Sagres, o que permite explicar a grande quantidade de sílex quando comparada com os efectivos das restantes rochas.

2.2.2.1. Núcleos

Se excluídos os fragmentos inclassificáveis, os núcleos em sílex podem ser classificados em sete tipos morfológicos distintos (Quadro 1), os quais, porém, representam somente quatro principais processos de talhe:

1. Debitagem aleatória de nódulos brutos ou fragmentos de nódulo

Consiste na extracção de lascas através de levantamentos avulsos, descontínuos, afectando sobretudo as extremidades ou zonas angulosas de nódulos ou fragmentos de nódulo (fig. 13, n.º 4-5); neste último caso, é frequente a utilização de superfícies de clivagem como plataformas (por exemplo, fig. 12, n.º 5). Os núcleos envolvidos neste processo somam 37% do total das peças intactas. Este tipo de debitage operava-se em três situações distintas: (1) na experimentação da aptidão para talhe dos blocos de matéria-prima; (2) na conformação e preparação de núcleos de outros tipos (por exemplo, prismáticos), abandonados numa fase inicial das operações de talhe; (3) na produção de lascas.

Apenas na última situação se pode encarar a debitagem aleatória de nódulos como um esquema autónomo de talhe visando a produção de suportes para utensílios.

2. Debitagem de nódulos sem padrão preferencial

Trata-se da produção de lascas através de levantamentos revelando direcções de debitagem não recorrentes, mas estendendo-se a toda ou, pelo menos, a grande parte da superfície do bloco, o qual mantém um volume aproximadamente oval ou esférico (núcleos poliédricos). Este procedimento está representado na Cabranosa por 22% do total dos núcleos (fig. 12, n.º 3-7).

3. Debitagem centrípeta de nódulos ou lascas

Visa a produção de lascas finas e largas. Estende-se em regra a toda a superfície da peça, evidenciando um padrão de debitagem centrípeta. Os suportes destes núcleos podem ser blocos ou lascas, tendo sido classificados, respectivamente, como núcleos discóides (fig. 12, n.º 4) e núcleos sobre lasca (fig. 12, n.º 1; fig. 13, n.º 3). Perfazem 14% dos núcleos intactos (Quadro 1).

4. Debitagem de volumes prismáticos

Este tipo de debitagem, sendo a única especificamente pré-determinada para a produção de lâminas e lamelas, envolvia procedimentos relativamente complexos. A preparação destes núcleos, porém, não terá passado pela execução de cristas, pois entre o vário material recolhido não se conta uma única peça deste tipo (Quadro 1). Assim, após a descorticação e preparação de uma plataforma de talhe, era iniciada a extracção de produtos corticais segundo um eixo perpendicular ao plano definido na etapa anterior, procedimento do qual resulta a produção de lâminas e lamelas com dorso cortical (fig. 14, n.º 2-3). Só num momento subsequente as peças debitadas deixam de ter resíduos de córtex no anverso e apresentam secções transversais de geometria triangular ou trapezoidal (fig. 15). Os núcleos prismáticos totalizam 21%.

Apenas uma pequena parte dos núcleos prismáticos foi concebida para a produção de lamelas, de que é exemplo a peça n.º 1 da fig. 13. Em fases terminais de exploração podia ainda ocorrer também a sua retoma no quadro de uma debitagem de lascas. Esta situação está, por exemplo, bem atestada no pequeno núcleo ilustrado sob o n.º 2 da fig. 13, o qual apresenta negativos lamelares anteriores à extracção de lascas.

A *debitagem bipolar*, entendida como percussão directa aplicada em núcleo assente em bigorna, está também atestada na Cabranosa (fig. 13, n.º 6-8). Os negativos de levantamentos que os núcleos bipolares apresentam demonstram a produção de pequenas lascas (em quatro casos) e de lamelas (em três casos). O reduzido número de peças (apenas 6% do total) parece indício seguro de que se trata mais do reaproveitamento circunstancial de pequenos blocos ou lascas de sílex, do que de um processo de talhe autónomo e recorrente. A corroborar esta conclusão, refira-se que no Neolítico Antigo da Estremadura a debitagem bipolar surge principalmente em contextos cuja componente lítica é dominada por rochas de aprovisionamento local e o sílex é utilizado no quadro

de estratégias de «curação» (Carvalho, 1998a). Nestas situações, os núcleos bipolares atingem elevadas percentagens e muitas vezes utilizam suportes de quartzo. Neste caso está o povoado de ar livre do Laranjal de Cabeço das Pias (Carvalho e Zilhão, 1994) ou as ocupações do Neolítico Antigo evoluído do Abrigo da Pena d'Água (Carvalho, 1998b).

2.2.2.2. Debitagem

Os produtos de debitage mais frequentes são as lascas, com 87% do total. As lâminas e lamelas somam apenas 7% e 9%, respectivamente (Quadro 1). O estudo de uma amostra de 20% do total permitiu verificar que a maioria das lascas apresenta talões lisos (56%); a regularização da cornija é quase inexistente, e o tratamento térmico é visível em cerca de um quarto das lascas. As características das lâminas e lamelas, por seu lado, denunciam a existência de três grandes categorias com significado tecnológico distinto:

Categoria 1: peças de fase inicial de debitage de núcleos prismáticos

Lâminas e lamelas relativamente espessas e anversos com zonas corticais concentradas preferencialmente ao longo do seu comprimento; as secções transversais são frequentemente irregulares; os bordos apresentam-se paralelos, divergentes ou bicôncavos; e os talões são corticais ou lisos (fig. 14, n.º 1-4, 11). Como se referiu atrás, a preparação de cristas não se verifica neste conjunto. A análise dos atributos dos produtos alongados revelou um número mínimo de lâminas ou lamelas (NML) desta categoria de 14 exemplares.

Categoria 2: peças de «fase plena» de debitage de núcleos prismáticos

Lâminas e lamelas apresentando elevados índices de paralelismo dos bordos e das nervuras, e de perfis direitos ou arqueados somente na parte distal (fig. 15). As secções transversais são trapezoidais ou triangulares, quase nunca têm córtex (quando existe resume-se a uma estreitíssima faixa ao longo de um dos bordos) e apresentam sobretudo talões lisos (41%) ou facetados (52%). O talhe far-se-ia recorrendo à percussão indirecta ou à pressão. O NML desta categoria é de 35 exemplares.

Categoria 3: peças curtas e irregulares debitadas de núcleos não prismáticos

Produtos de debitage de formas e secções muito irregulares, apresentando por vezes córtex no anverso e facetas resultantes de processos de talhe de sentido não preferencial. O seu comprimento é maior que o dobro da respectiva largura, o que obriga à sua classificação como lâminas ou lamelas, embora melhor se definissem, do ponto de vista tecnológico, como «lascas alongadas». O grosso destas peças é proveniente de núcleos poliédricos e, em menor quantidade, de núcleos bipolares. As lamelas debitadas de núcleos bipo-

lares são usualmente curtas, de perfil torcido e com talões esquirolados (fig. 14, n.º 8). O NML desta categoria é igual a 31 exemplares.

Outros indicadores reforçam a oposição entre as peças de exploração de núcleos prismáticos, isto é, as categorias 1 e 2, por um lado, e a categoria 3, por outro. Com efeito, o tratamento térmico apresenta incidências baixas nas duas primeiras (cerca de 8%), mas é perfeitamente negligenciável no caso das peças extraídas de núcleos não prismáticos (3%); a regularização da cornija dos núcleos deixou marcas em 10% e 15% das peças das categorias 1 e 2, respectivamente, e atinge 21% na última. A frequência de larguras das lâminas e lamelas incluídas nas categorias 1 e 2 indica-se na fig. 18.

2.2.2.3. *Utensilagens*

Os suportes maioritariamente utilizados na elaboração da utensilagem retocada são as lascas (Quadro 1), com 80% do total dos efectivos. As lâminas e as lamelas totalizam 11% e 8%, respectivamente. Além do material retocado, foi ainda possível reconhecer a olho nu cinco peças com sinais de uso (2 lascas, 2 lâminas e 1 lamela brutas). A tipologia dos utensílios retocados pode sistematizar-se nos seguintes principais grupos (Quadro 2):

Peças com retoques curtos ou marginais

Trata-se de peças cujo retoque visa o afilamento e/ou o reavivamento dos gumes brutos de lascas, lâminas e lamelas. No caso das lâminas e lamelas com este tipo de retoque, tem vindo a ser apontado o seu uso como elementos cortantes encaixados em foices (Carvalho, 1998a), de que poderão ser exemplo as peças 8, 9 e 10 da fig. 16, ou a peça 4 da fig. 17. Na Cabranosa, este grupo de utensílios soma 39%, valor que está em perfeita concordância com os dados da generalidade dos contextos do Neolítico Antigo, nomeadamente do Sul de Portugal (Silva & Soares, 1981; Soares, 1995).

Truncaturas

Raras no Mesolítico, as truncaturas têm sido apontadas como um dos elementos mais inovadores das utensilagens do Neolítico Antigo peninsular (Fortea *et al.*, 1987). Na Cabranosa, as truncaturas foram todas realizadas sobre extremo de lasca, e não sobre produtos alongados como se constata por regra (Soares, 1995; Carvalho, 1998a), o que configura uma situação pouco comum (fig. 17, n.º 5-6). As cinco truncaturas equivalem a 6,5% do total dos utensílios.

Peças com entalhes e denticulados

Os entalhes e denticulados são o segundo grupo de utensílios melhor representados, com 31,5%. Denotam a utilização predominante de lascas na sua confecção (por exemplo: fig. 16, n.º 1, 3, 5; fig. 17, n.º 1-2) (Quadro 2). Essencialmente, estes utensílios de concepção simples terão sido usados de forma expedita; o facto de serem sobretudo sobre lasca aponta igualmente nesse sentido.

Furadores

Os nove furadores recolhidos representam 12% do total da utensilagem. Apenas um exemplar foi fabricado sobre lamela (fig. 17, n.º 3), sendo os restantes sobre lasca (fig. 16, n.º 7; fig. 17, n.º 8). Parte destes é nitidamente robusta e concebida para perfurar materiais resistentes. Segundo Forte *et al.* (1987), os furadores assinalam também uma importante diferença entre o material retocado mesolítico e o neolítico, do qual são típicos.

Raspadores

Os raspadores são sempre sobre lasca, e representam 8% do total (fig. 16, n.º 4; fig. 17, n.º 9). Alguns exemplares são fabricados sobre lascas robustas. Não muito frequentes no Neolítico Antigo, chegam a estar ausentes em alguns inventários líticos.

Peças de retoque invasor

Uma lâmina e uma lasca são as únicas peças inseríveis neste conjunto (fig. 16, n.º 9 e 6, respectivamente), significando uma percentagem mínima no total da utensilagem (3%). O baixo índice de retoque invasor é uma característica do Neolítico Antigo português.

Armaduras

Na presente revisão dos materiais líticos da Cabranosa não foi possível reconhecer qualquer tipo de armadura. Embora comuns no Mesolítico e Neolítico Antigo do Sul de Portugal (Silva & Soares, 1981), os micrólitos não estão presentes no conjunto estudado. Este facto pode estar relacionado com o tipo de intervenção subjacente à recolha da larga maioria dos materiais (recolhas de superfície), o que reduz naturalmente a representação das peças de menores dimensões. No entanto, os autores referem em várias ocasiões (Zbyszewski *et al.*, 1981; Ferreira e Leitão, 1981) a recolha de “flechas transversais”, ou *tranchants*: “Parmi les instruments recueillis [...] ressortent, par leur rareté, les “tranchants”. Ces éléments sont toujours associés en France avec de la céramique cardiale ancienne” (Zbyszewski *et al.*, 1981, p. 306). Contudo, as três peças com essa etiquetagem são apenas lascas de forma trapezoidal e, salvo uma única excepção (fig. 16, n.º 6), não apresentam qualquer tipo de retoque. Deste modo, é de crer que aquela classificação tenha sido sugerida pela tipologia das armaduras neolíticas do Sul de França, nomeadamente a “flecha de Montclus” e a “flecha de Jean Cros”, à época recentemente sistematizadas a propósito do Neolítico Antigo de Jean Cros (Vaquer e Guilaine, 1979).

2.3. *Pedra polida*

As prospecções de superfície proporcionaram a recolha de três artefactos de pedra polida. Trata-se de peças de pequenas dimensões, não ultrapassando 10 cm de comprimento, de secção lenticular ou sub-rectangular, espalmadas, totalmente ou quase totalmente polidas, por vezes com pátina eólica intensa.

As duas primeiras (fig. 19, n.º 1 e 2) correspondem, do ponto de vista morfológico, à definição de enxós. Ambas ostentam gumes de bisel assimétrico, possuindo um deles (fig. 19, n.º 1) contorno arqueado, característica típica de tal grupo de instrumentos. O terceiro exemplar não se afasta dos dois anteriores a não ser por mostrar o gume muito mutilado em consequência de choques violentos; porém, a sua morfologia original de secção assimétrica é ainda evidente não obstante as acções sofridas (fig. 19, n.º 3). Deste modo, o terceiro dos exemplares referido corresponde à definição de pequeno sacho, cujos danos no gume se poderiam explicar pela sua utilização (choques violentos com as pedras existentes no solo). Os dois exemplares que possuem o gume em bom estado corresponderão também a sachos; o apenas menor grau de utilização explicaria as diferenças observadas. Crê-se que esta hipótese é mais aceitável que a alternativa de corresponderem a verdadeiras enxós para desbaste de árvores, atendendo às características do coberto vegetal dunar que caracteriza a zona. Ao contrário, a natureza arenosa dos solos susceptíveis de serem agricultados dispensaria artefactos de cava mais pesados.

No respeitante às matérias-primas, a análise macroscópica indica que se trata de rochas locais. O exemplar da fig. 19, n.º 1, é de grauvaque cinzento de grão médio, cuja textura foi tornada mais evidente pela erosão que atinge a sua superfície, que apagou o polimento. Os restantes correspondem a rochas verde-anegradas a negras, mais finas, tratando-se provavelmente de xistos siliciosos disponíveis nos afloramentos existentes nas proximidades.

2.4. Objecto de adorno

Não obstante a anterior menção a algumas conchas ou búzios perfurados para servirem de elementos de adorno (Zbyszewski *et al.*, 1981, p. 304), apenas um pequeno exemplar de *Thais baemastoma* mostra uma pequena perfuração, adequada a tal fim (fig. 6, n.º 3). A utilização desta concha como elemento de adorno é reforçada pela existência de polimento parcial e regularização do bordo, também por polimento. Ao contrário, as intensas fracturas observadas em conchas da mesma espécie e de maiores dimensões sem quaisquer indícios de afeiçoamento explicam-se-ão pela técnica utilizada no seu consumo ou por causas pós-deposicionais.

2.5. Fauna

2.5.1. Fauna mamalógica

O único resto de mamífero refere-se a hemimandíbula de *Capra bircus* ou *Ovis aries* recolhida por C. Tavares da Silva e J. Soares na base de lareira anteriormente escavada (cf. Zbyszewski *et al.*, 1981) na estação, a de maiores dimensões.

2.5.2. Fauna malacológica

Uma das duas lareiras escavadas em 1976 (a de maiores dimensões), forneceu também abundantes restos de conchas, embaladas numa matriz arenosa

acinzentada e carbonosa. Ali predominam as valvas de *Mytilus* sp., que podem ultrapassar 7-8 cm de comprimento. Às 46 valvas deste género (as quais foram sacrificadas para a datação de radiocarbono) provenientes desta estrutura, somam-se mais 9, incorporadas nas amostras recolhidas no depósito de combustão.

Da mesma estrutura, ou da área adjacente, como é sugerido nalguns casos pela coloração mais clara de matriz arenosa conservada, provêm 8 conchas mais ou menos fragmentadas de *Thais baemastoma* e 4 conchas de *Patella* sp. São estes os restos que, seguramente, se podem contextualizar estratigraficamente com os materiais arqueológicos.

Na superfície da duna, recolheram-se mais 6 conchas de *Thais baemastoma* mais ou menos completas a que se somam outras 6 de *Patella* sp., um pequeno fragmento de valva de *Glycymeris glycymeris* e 2 restos de *Pollicipes cornucopia*. Não se pode, contudo, garantir a contemporaneidade destes restos com os arqueológicos.

3. Cronologia absoluta

O resultado da datação das conchas de *Mytilus* sp. da mais importante lareira escavada, já publicado (Cardoso *et al.*, 1996:22), é o seguinte, após correcção do efeito de reservatório:

Sac-1321: 6.550±70 BP

A sua calibração resulta em 5.611-5393 cal AC, a 1 *sigma*, ou em 5.621-5369 cal AC, a 2 *sigma* (segundo Stuiver e Van der Plicht, 1998). Estes valores colocam, portanto, a ocupação do local no terceiro quartel do VI milénio cal AC.

No Sudoeste de Portugal (entendido aqui como a região compreendendo o Barlavento Algarvio, a Serra de Monchique e os vales da Ribeira de Odeceixe e do Rio Mira) são raras as datações absolutas para o mesmo lapso temporal. A maior parte das datações publicadas provém de contextos mais antigos e para os quais se atribui uma economia de tipo mesolítico (caça-pesca-recolecção). É, concretamente, o caso de Castelejo (ICEN-211: 7.970±60 BP para o nível basal, Beta-2908: 7.450±70 BP e Beta-2276: 7.240±70 BP para o nível intermédio; cf. Gomes & Silva, 1987; Silva & Soares, 1997), Montes de Baixo (ICEN-718: 7.210±70 BP e ICEN-720: 7.530±70 BP; cf. Silva & Soares, 1997), Rocha das Gai-votas (Wk-6075: 6.890±70 BP; cf. Bicho *et al.*, s.d.) e Fiais (com um leque de oito datações distribuídas entre TO-806: 7.010±70 BP e ICEN-141: 6.180±110 BP; cf. Arnaud, 1993).

Exceptuam-se deste quadro as datas para o concheiro de Medo Tojeiro (BM-2275: 5.770±120 BP, BM-2275R: 6.440±140 BP e Beta-11723: 5.450±160 BP), cuja utilização é difícil por falta de consenso entre os escavadores quanto à proveniência (camada 4?) e consequente significado das amostras (cf. Silva *et al.*, 1985; Lubell & Jackes, 1985). Por seu lado, a data ICEN-141 do concheiro de Fiais, mais recente que a da Cabranosa, indicará uma reocupação neolítica do local, especializada na caça-pesca-recolecção ou, mais provavelmente, um pro-

longamento no tempo do modo de vida mesolítico, dada a total ausência de artefactos neolíticos (cerâmica ou utensílios de gume em pedra polida) e de espécies domésticas (Arnaud, 1993). As datas recentemente obtidas por Bicho *et al.* (s.d.) para os sítios neolíticos de Vale Santo I (Wk-6673: 6.340±120 BP) e Ribeira de Alcantarilha (Wk-6672: 6.120±70 BP e Wk-6851: 6.160±60 BP) são dois a quatro séculos mais recentes que a Cabranosa, pelo que corresponderão já a um momento subsequente do Neolítico Antigo regional.

Na jazida de Padrão, contudo, há duas datações, também sobre conchas, da mesma ordem de valores da datação da lareira da Cabranosa: ICEN-645: 6.440±60 BP e ICEN-873: 6.570±70 BP (corrigidas do efeito de reservatório). Estas conchas estavam contidas numa lareira à qual se associavam restos de fauna (incluindo animais domésticos), cerâmica neolítica e pedra lascada (Gomes, 1997), pelo que constituem a única jazida algarvia contemporânea da Cabranosa.

4. Comparações e integração cultural

Os sítios com os quais se podem estabelecer comparações, dado o estado mais desenvolvido do seu estudo, são Vale Pincel, Vale Vistoso, Medo Tojeiro ou Salema, situados no litoral alentejano. Notam-se várias diferenças significativas. Em primeiro lugar, a tipologia cerâmica apresentada por Silva e Soares (1981, 1987) não inclui formas de fundo cónico nem com colo ou gargalo bem destacado, como é o caso na Cabranosa, mas antes apenas variantes simples da esfera (hemisféricos e calotes de esfera). As decorações, por seu lado, estão em regra restritas à zona próxima do bordo e incluem uma percentagem significativa de motivos incisos na segunda fase do Neolítico Antigo, tal como foi definida por aqueles autores. A impressão cardial é muito escassa e os elementos plásticos não têm a disposição elaborada que se verifica no sítio algarvio; trata-se normalmente de cordões isolados.

O panorama reconhecido na Andaluzia ocidental (Navarrete, 1976; Acosta, 1995; Pellicer e Acosta, 1982), por exemplo, não difere significativamente do do Alentejo litoral. Segundo os últimos autores, a raridade da cerâmica cardial impede aliás a utilização do termo "Neolítico cardial". O Neolítico Inicial desta região caracteriza-se, portanto, pelas cerâmicas impressas e sobretudo incisadas, com elementos de prensão vários (cordões por vezes decorados, mamilos e asas de vários tipos).

A este título, a excepção em toda a região andaluza é a Cueva de la Carigüela (Navarrete, 1976). Os níveis mais antigos desta gruta (estratos XIV, XV e XVI) não só se diferenciam dos restantes contextos regionais, como são precisamente aqueles cuja cerâmica apresenta grandes afinidades com a da Cabranosa. Com efeito, nestes níveis são raras as incisões e predominam as peças decoradas com impressões, entre as quais pontuam as de tipo cardial. As decorações atingem algum barroquismo, cobrindo grande parte da superfície dos recipientes. Os cordões são lisos nos níveis mais antigos, mas surgem com traços incisos no estrato XIV. As formas, por seu lado, são arredondadas e há um conjunto significativo de peças globulares com colo.

A sistematização das cerâmicas neolíticas da região valenciana proposta por Bernabeu (1989) é importante nesta discussão porque parte de um registo estratigráfico detalhado obtido em Cova de l'Or e Cova de les Cendres. O Neolítico Antigo é então dividido em dois horizontes, designados por Neolítico IA (*horizonte de la cerámica cardial*) e Neolítico IB (*horizonte de las cerámicas inciso-impresas*), os quais são por sua vez divididos em duas subfases em função das técnicas e dos motivos decorativos. Assim, o cardial ocupa percentagens nunca inferiores a 40% no Neolítico IA, sendo a segunda decoração mais frequente os motivos em relevo (cordões lisos ou com incisões) associados a outras decorações impressas ou incisas. No Neolítico IB, o cardial reduz-se até cerca de 20% perante o grande aumento das decorações impressas e incisas, que podem atingir até metade do total; os cordões são sobretudo lisos e dispõem-se ortogonalmente; a área decorada nos vasos limita-se agora a uma faixa abaixo do bordo. Bernabeu (1988) data o Neolítico IA de entre 5.800 e 5.100 cal AC e o Neolítico IB de entre 5.100 e 4.300 cal AC.

O Neolítico Antigo português, incluindo a própria estação de Cabranosa, é colocado por Bernabeu (1989, p. 125) totalmente na fase IB. No entanto, a sua datação absoluta do terceiro quartel do VI milénio cal AC indica uma ocupação mais antiga, correlacionável com a fase IA2 daquele autor. Uma análise mais atenta do conjunto cerâmico é, aliás, perfeitamente compatível com esta atribuição cronológica:

- metade do conjunto recolhido em escavação é composto por vasos com impressões cardiais;
- as formas dos vasos da Cabranosa com esta decoração (fig. 2 e fig. 3, n.º 1) inserem-se no "grupo XV" (vasos ovais) da tipologia de Bernabeu (1988, 1989); segundo o próprio autor, estas formas são típicas precisamente do Neolítico IA e não do Neolítico IB;
- as decorações não estão restritas exclusivamente a uma faixa junto ao bordo; no caso do vaso de tendência cónica, espalham-se por dois terços do corpo do recipiente (fig. 4);
- os vasos com cordões representam metade do total e, entre estes, figuram cordões segmentados, ora por traços incisos, ora por impressões de pontas biseladas.

É inquestionável, em conclusão, o afastamento tipológico das cerâmicas da Cabranosa em relação às suas congéneres do litoral alentejano e da Andaluzia ocidental, dado que apresentam maior elaboração formal e maior expressão da decoração cardial, aspectos que se associam à escassez de motivos incisos. Inversamente, aproximam-se dos dados conhecidos para as fases tardias do Neolítico cardial de Cueva de la Carigüela, Cova de l'Or e Cova de les Cendres.

5. Conclusões gerais

Da revisão sistemática que acabámos de realizar dos materiais da Cabranosa ressaltam algumas conclusões importantes para o conhecimento do Neolítico Antigo do Sudoeste de Portugal.

1. Em primeiro lugar, o carácter eminentemente sedentário da ocupação em causa. Neste sentido aponta a presença de grandes vasos de armazenamento e a muito provável exploração agrícola de terrenos arenosos nas proximidades das ribeiras que atravessam o local (indicada pelo achado de sachos). A significativa extensão do sítio (sem qualquer indício de reocupações posteriores), o acesso a recursos complementares (indicados pelo consumo de fauna malacológica e de mamíferos domésticos) e a exploração de recursos geológicos locais (tanto rochas utilizadas para o fabrico de utensílios em pedra lascada e polida, como ENP da cerâmica cardial), são evidência da plausibilidade desta hipótese.

Para uma efectiva compreensão desta observação será imprescindível um conhecimento aprofundado dos tipos de sítios e da rede de povoamento em que se inseria a Cabranosa. Neste sentido, a relação que se pode estabelecer entre esta jazida e os concheiros neolíticos apresentados por Silva & Soares (1987, 1997) e Bicho *et al.* (s.d.) parecem provisoriamente indicar uma ocupação do espaço assente em estratégias de mobilidade logística.

2. A questão do Mirense encontra na Cabranosa um elemento sólido para a sua discussão: o machado mirense recolhido encontrava-se em condições estratigráficas distintas dos materiais neolíticos. Esta peça, com efeito, foi achada no contacto entre as dunas (que incorporam os materiais neolíticos) e o paleossolo (que consiste em areias avermelhadas endurecidas), pelo que pelo menos neste sítio não deve ser associado à ocupação neolítica, que lhe é posterior.

3. A análise tipológica da cerâmica permitiu verificar que esta componente artefactual apresenta notáveis semelhanças estilísticas com contextos levantinos (por exemplo, Or, Sarsa ou Cendres) ou da Andaluzia oriental (Carigüela). Por outro lado, os paralelos na parte ocidental desta última região ou no litoral português não são tão evidentes.

Colocado nestes termos, este exercício comparativo parece assim dar apoio às teses difusionistas que preconizam, durante a fase mais antiga do Neolítico, uma efectiva movimentação de grupos humanos oriundos das costas mediterrâneas, os quais teriam sido responsáveis pela formação de «enclaves neolíticos» em regiões marginais aos ecossistemas explorados pelas comunidades autóctones (Zilhão, 1998). Porém, para a afirmação plena deste modelo no Barlavento algarvio são necessários mais dados de terreno que esclareçam nomeadamente o significado dos concheiros mesolíticos já atestados na região.

Bibliografia

- ACOSTA, P. (1995) – Las culturas del Neolítico y Calcolítico en Andalucía occidental. *Espacio, Tiempo y Forma*. Série I, 8, p. 33-80.
- ARNAUD, J. M. (1993) – O Mesolítico e a neolitização: balanço e perspectivas. In *O Quaternário em Portugal. Balanço e perspectivas*. Lisboa: APEQ. p. 173-184.
- BERNABEU, J. (1988) – El Neolítico en las comarcas meridionales del País Valenciano. In LÓPEZ, P., coord. - *El Neolítico en España*. Madrid: Ediciones Cátedra. p. 131-166.
- BERNABEU, J. (1989) - *La tradición cultural de las cerámicas impresas en la zona oriental de la Península Ibérica*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica. (Série de Trabajos Vários, 86).
- BICHO, N. F.; LINDLY, J.; STINER, M.; FERRING, C. R. (no prelo) – O processo de neolitização na Costa Sudoeste. In 3.º *Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vila Real, 1999.
- BRÉUIL, H.; RIBEIRO, O.; ZBYSZEWSKI, G. (1943) - Les plages quaternaires et les industries préhistoriques du littoral de l'Alentejo entre Sines et Vila Nova de Milfontes. In *Congrès Lusó-Espagnol pour l'Avancement des Sciences*. Porto. vol. VIII, p. 48-62.
- CARDOSO, J. L. (1993) – Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Número especial. Oeiras: Câmara Municipal.
- CARDOSO, J. L. (1997/98) – As cerâmicas de ornatos brunidos da gruta do Correio-Mor, Loures. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 7, p. 155-167.
- CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. S. (1995) – *A Lapa da Furada, Sesimbra – resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Sesimbra: Câmara Municipal.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R.; FERREIRA, O. V. (1996) – Novos elementos para o estudo do Neolítico antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, p. 9-26.
- CARVALHO, A. F. (1998a) - *O talhe da pedra no Neolítico antigo do Maciço Calcário das Serras d'Aire e Candeeiros. Estremadura Portuguesa. Um primeiro modelo tecnológico e tipológico*. Lisboa: Colibri.
- CARVALHO, A. F. (1998b) – Abrigo da Pena d'Água, Rexaldia, Torres Novas: resultados das campanhas de sondagem 1992-1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 1/2, p. 39-72.
- CARVALHO, A. F.; ZILHÃO, J. (1994) – O povoado neolítico do Laranjal de Cabeço das Pias, Vale da Serra, Torres Novas. In *Actas das Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, V, Lisboa, 1993*. Lisboa, 2, p. 53-68.
- FERREIRA, O. V. (1970) – A estação com cerâmica cardial da Ponta de Sagres, Algarve. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série IX, 2, p. 347-359.
- FERREIRA, O. V.; LEITÃO, M. (1981) – *Portugal Pré-Histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Lisboa: Europa-América.
- GOMES, M. V. (1997) – Megalitismo do Barlavento Algarvio: breve síntese. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 11-12, p. 147-190.
- GOMES, M. V.; SILVA, C. T. (1987) - *Levantamento arqueológico do Algarve. Concelho de Vila do Bispo*. Faro: Delegação Regional do Sul, Secretaria de Estado da Cultura.
- GUILAINE, J.; FERREIRA, O. V. (1970) – Le Néolithique ancien au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 67: 1, p. 304-322.
- FORTEA, J.; MARTÍ, B.; JUAN-CABANILLES, J. (1987) - La industria lítica tallada del Neolítico antiguo en la vertiente mediterránea de la península Ibérica. *Lucentum*. Alicante, VI, p. 7-22.
- LUBELL, D.; JACKES, M. (1985) – Mesolithic – Neolithic continuity: evidence from chronology and human biology. In *Actas da*

Reunião do Quaternário Ibérico, I, Lisboa, 1985. Lisboa: G.T.P.E.Q., G.E.T.C. 2, p. 113-133.

NAVARRETE, M. S. (1976) – *La cultura de las cuevas con cerámica decorada en Andalucía oriental*. Granada: Universidad. 2 vols.

PELLICER, M.; ACOSTA, P. (1982) – El Neolítico antiguo en Andalucía occidental. In *Le Néolithique ancien méditerranéen. Actes du Colloque International de Prehistoire. Montpellier, 1981*. Archéologie en Languedoc, N.º Special, p. 49-60.

SILVA, C. T.; SOARES, J. (1981) – *Pré-História da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.

SILVA, C. T.; SOARES, J. (1987) – Les communautés du Néolithique ancien dans le Sud du Portugal. In GUILAINE, J.; ROUDIL, J.-L.; VERNET, J.-L., dir - *Premières Communautés Paysannes en Méditerranée Occidentale. Montpellier 1983*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, p. 663-671.

SILVA, C. T.; SOARES, J. (1997) – Economias costeiras na Pré-História do Sudoeste português. O concheiro de Montes de Baixo. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 69-108.

SILVA, C. T.; SOARES, J.; PENALVA, C. (1985) – Para o estudo das comunidades neolíticas do Alentejo litoral: o concheiro do Medo Tojeiro. *Arqueologia*. Porto. 11, p. 5-15.

SILVA, C. T.; SOARES, J.; CARDOSO, J. L.; CRUZ, C. S.; REIS, C. S. (1986) – Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos - datas ¹⁴C - e paleoambientais. *Arqueologia*. Porto. 14, p. 59-82.

SOARES, J. (1995) - Mesolítico – Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências. In *Congresso de Arqueologia Peninsular, 1.º, Porto, 1993*. vol. 6, p. 27-45. Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto. 35:2.

STUIVER, M.; PLICHT, Van der (1998) – Radiocarbon calibration program 1998; Rev. 3.0. *Radiocarbon*. 40/3. Special Calibration Issue – INTCAL 98.

VAQUER, J.; GUILAINE, J. (1979) - *Les armatures néolithiques de l'abri Jean Cros*. In: GUILAINE, J. [et al.] – *L'Abri Jean Cros. Essai d'approche d'un groupe humain du Néolithique ancien dans son environnement*. Toulouse: Centre d'Anthropologie des Sociétés Rurales, p. 85-108.

ZBYSZEWSKI, G. [et al.] (1981) - Nouvelles données sur le Néolithique ancien de la station à céramique cardiale de Sagres, Algarve. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. 67/2, p. 301-311.

ZILHÃO, J. (1998) – A passagem do Mesolítico ao Neolítico na costa do Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 27-44.

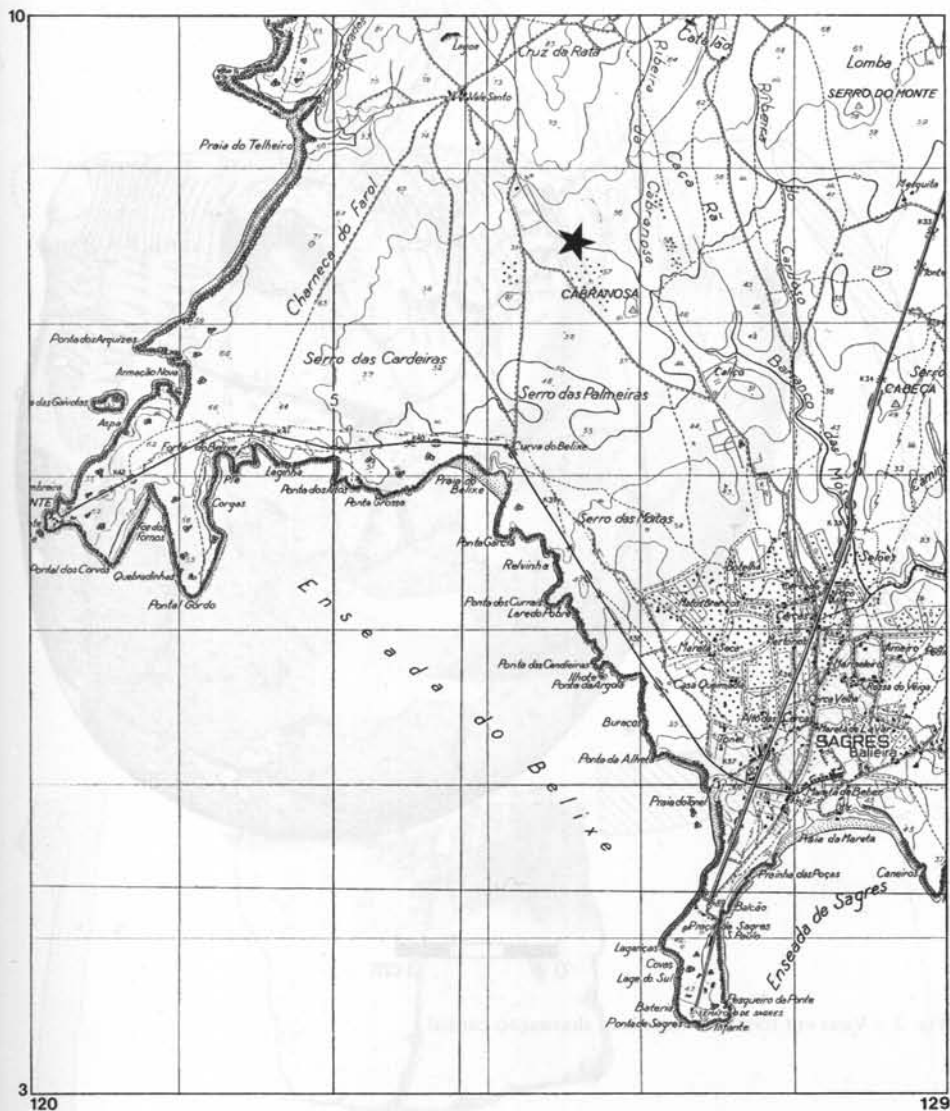


Fig. 1 – Implantação do sítio dos achados na Carta Militar de Portugal (Folha 609, na escala de 1/25 000 – Sagres (Vila do Bispo), Lisboa, 1952).

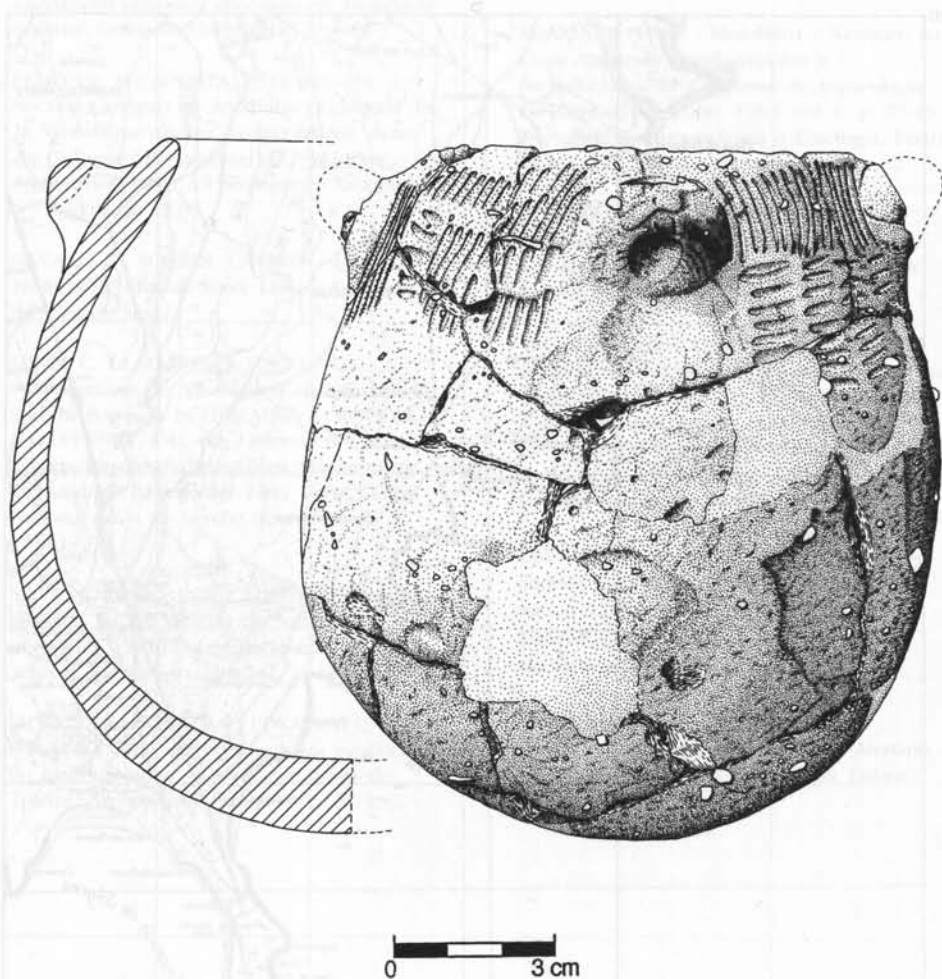


Fig. 2 – Vaso em forma de saco com decoração cardial.

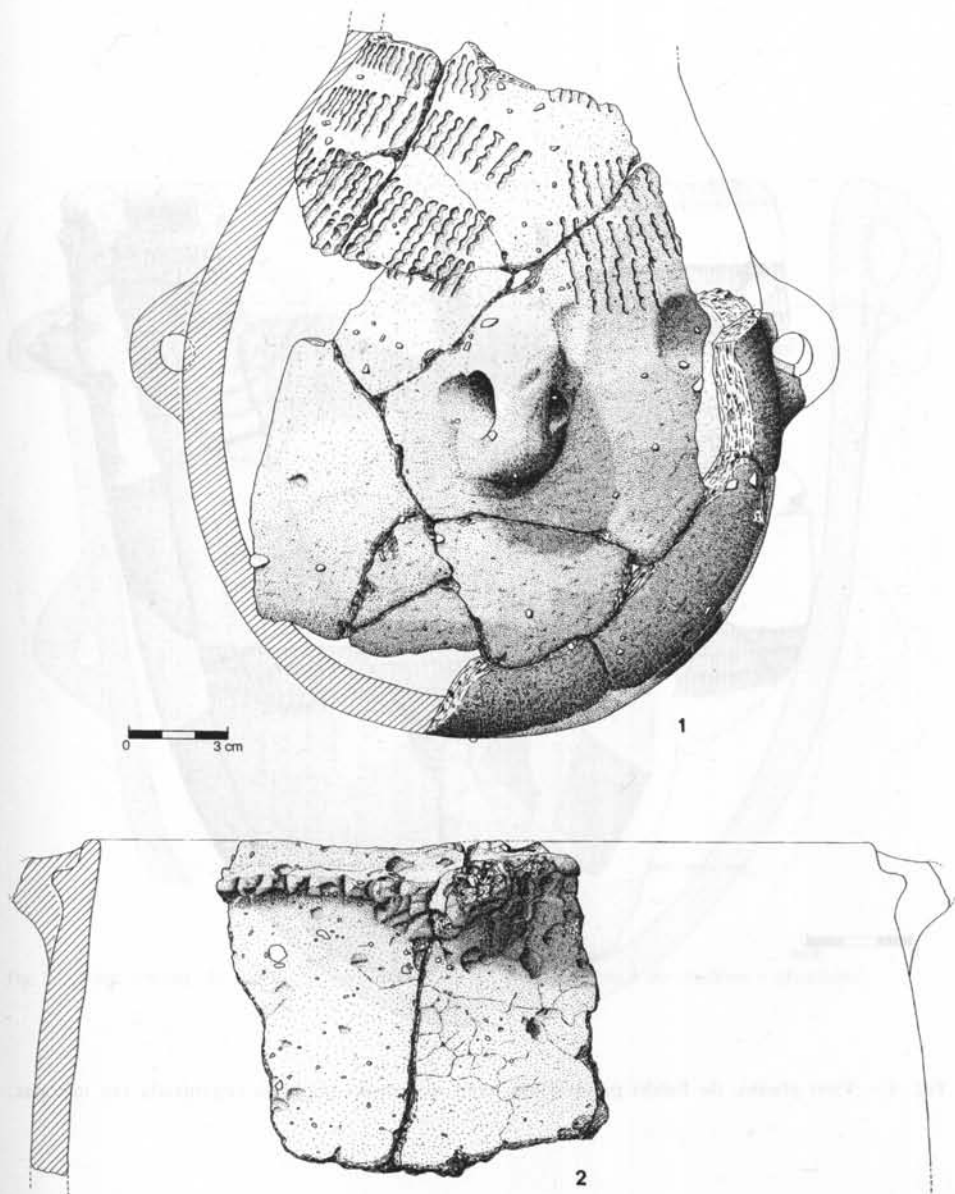


Fig. 3 – 1. Vaso em forma de saco com colo estrangulado e decoração cardial; 2. Vaso em forma de saco decorado com cordão horizontal, segmentado, abaixo do bordo.

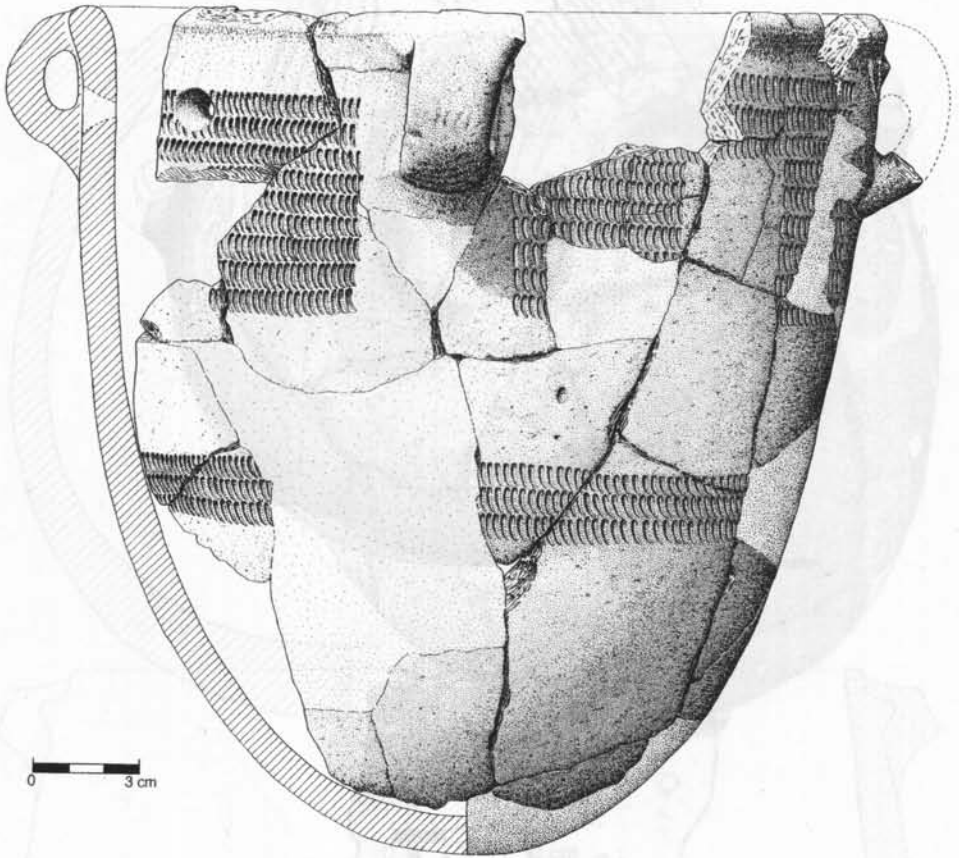


Fig. 4 – Vaso aberto, de fundo parabolóide, com decoração impressa organizada em métopas.

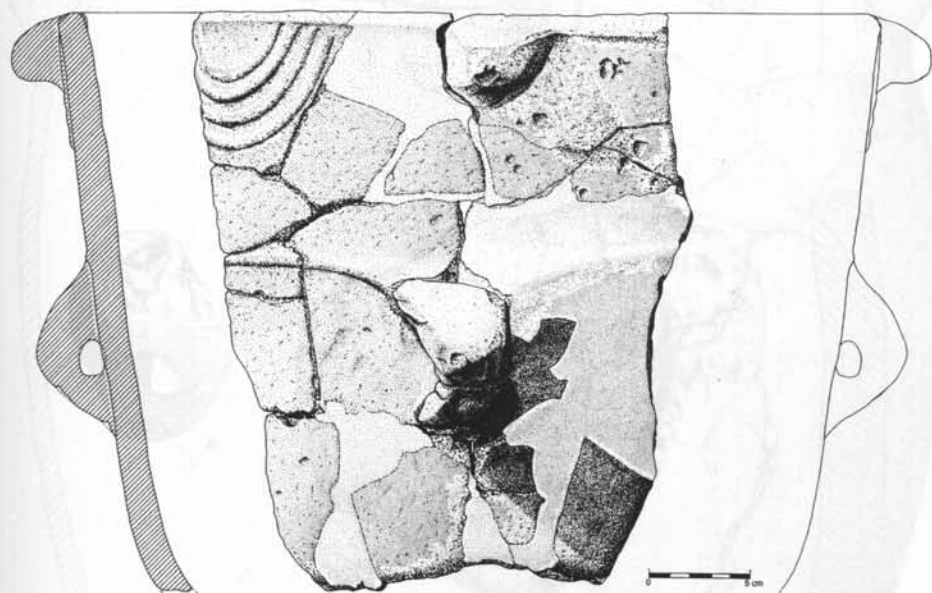


Fig. 5 – Vaso aberto, de fundo parabolóide, com decoração plástica de cordões e grinaldas.

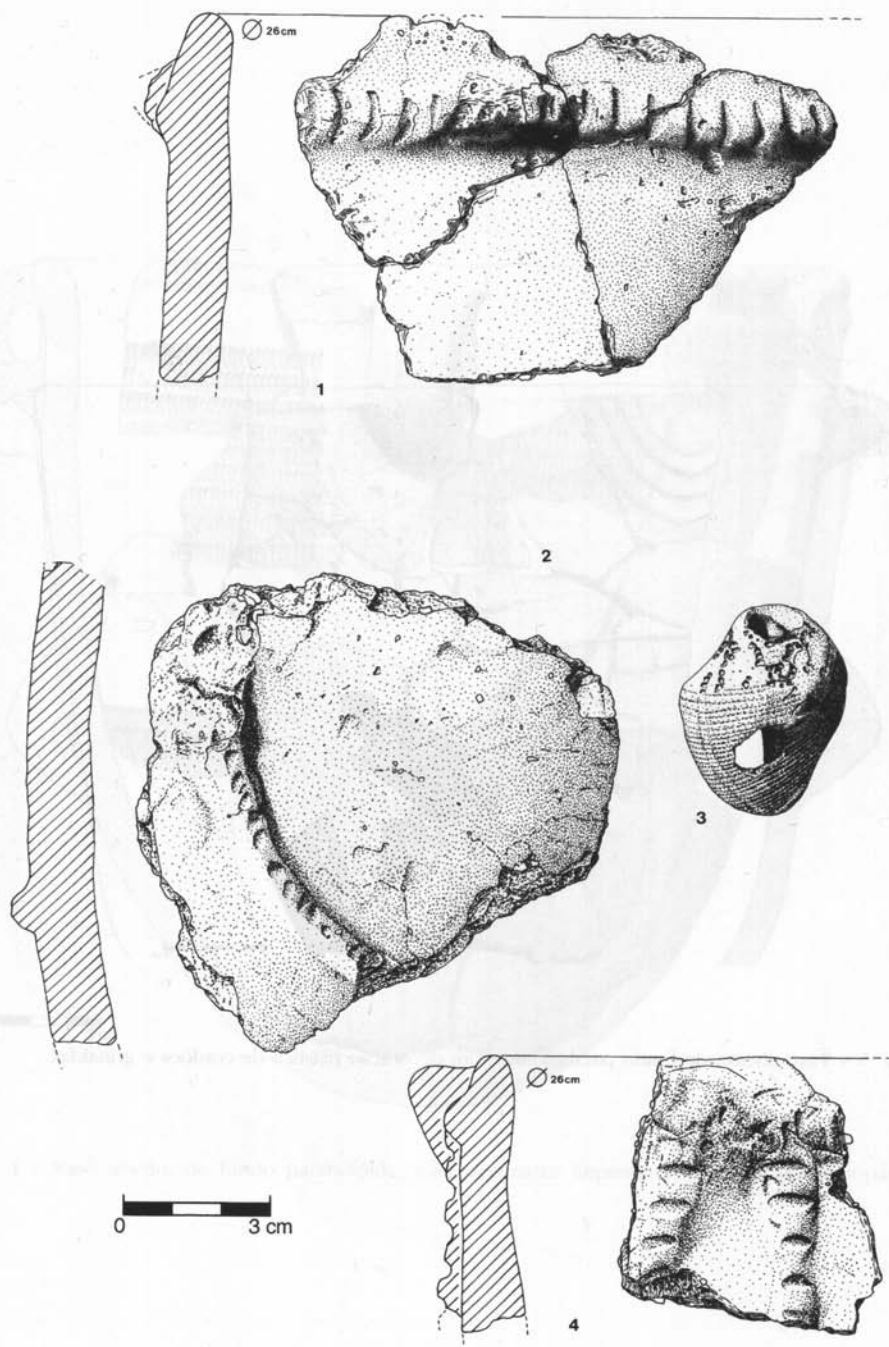


Fig. 6 – 1., 2., 4. Fragmentos de vasos com cordões em relevo segmentados; 3. Concha de *Thais baemastoma* parcialmente polida e perfurada, para uso como elemento de adorno.

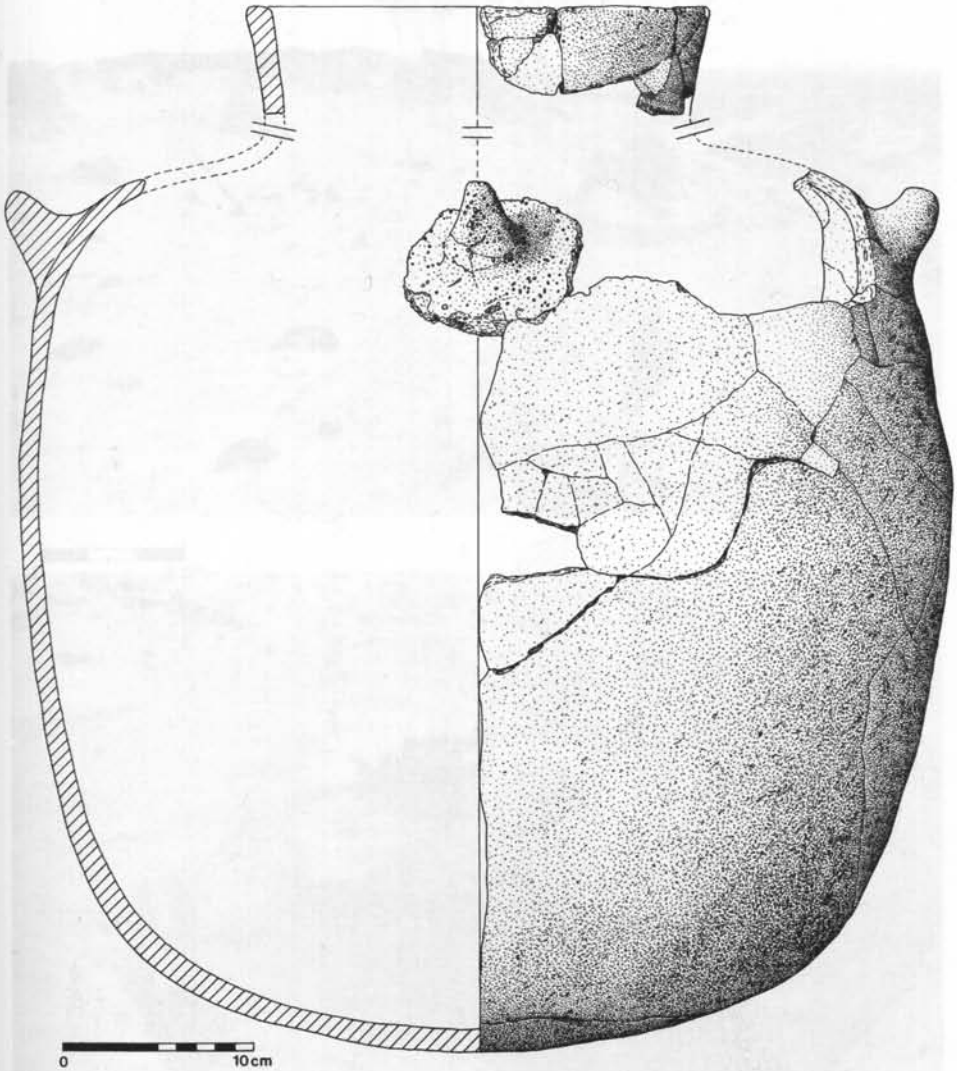


Fig. 7 – Grande vaso liso de corpo globular e colo estrangulado (vaso de provisões), com mamilos na parte superior do bojo.

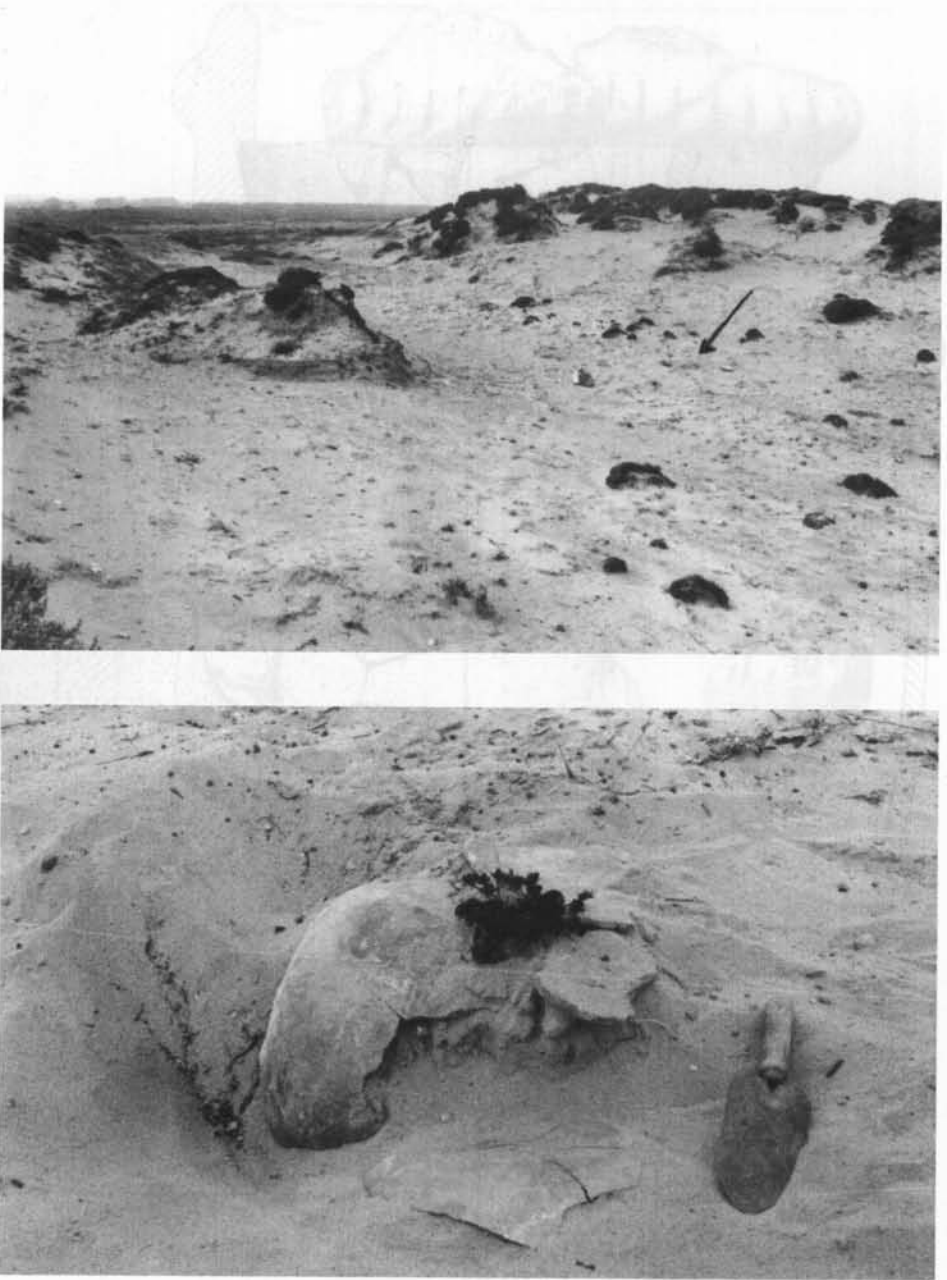


Fig. 8 – Em cima: local do achado do grande vaso de provisões; em baixo: pormenor do modo de jazida do vaso, no decurso da sua remoção das areias dunares.

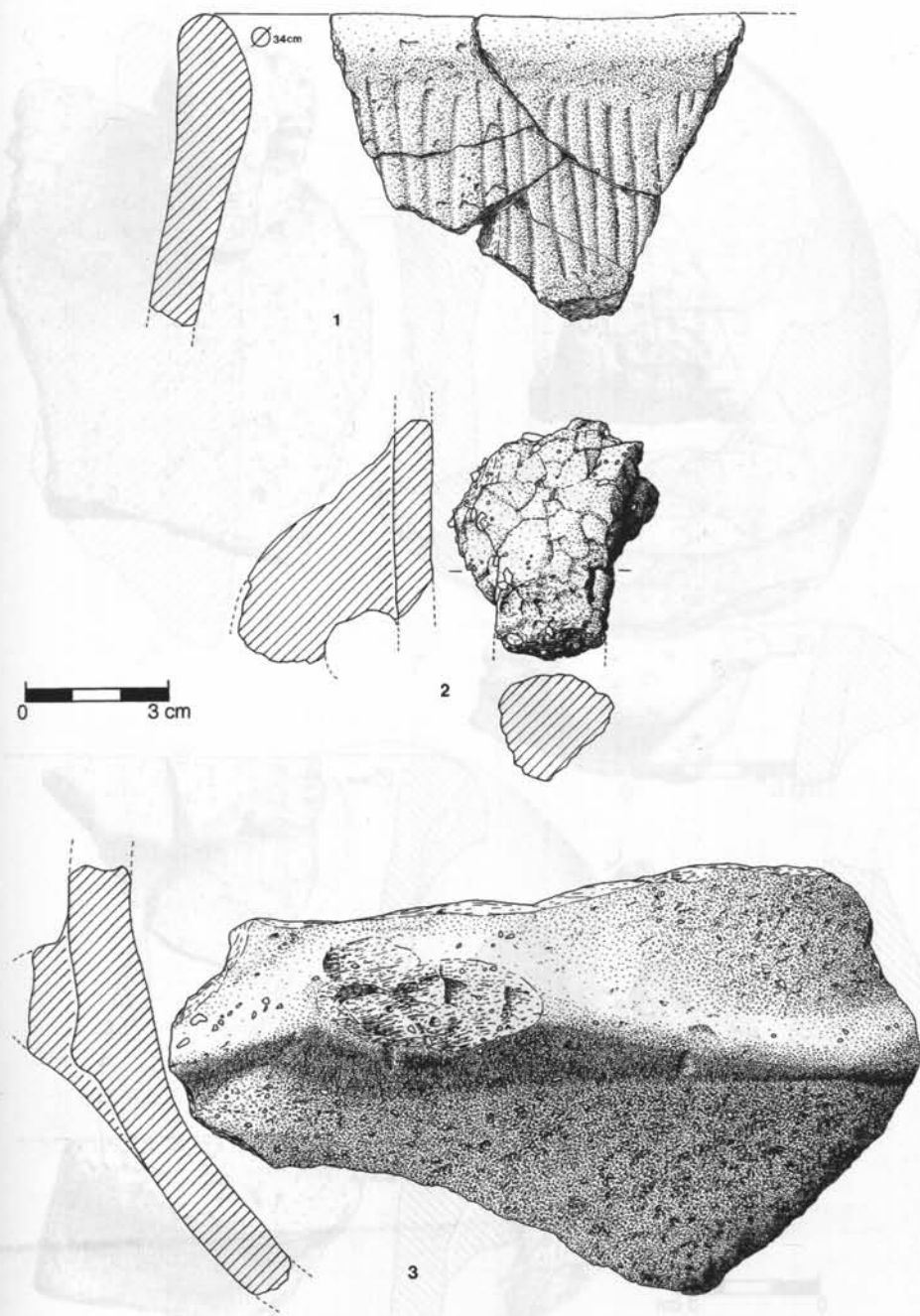


Fig. 9 – 1. Fragmento de vaso em forma de saco, com decoração canelada; 2. Fragmento de asa anelar; 3. Fragmento de grande vaso com cordão liso.

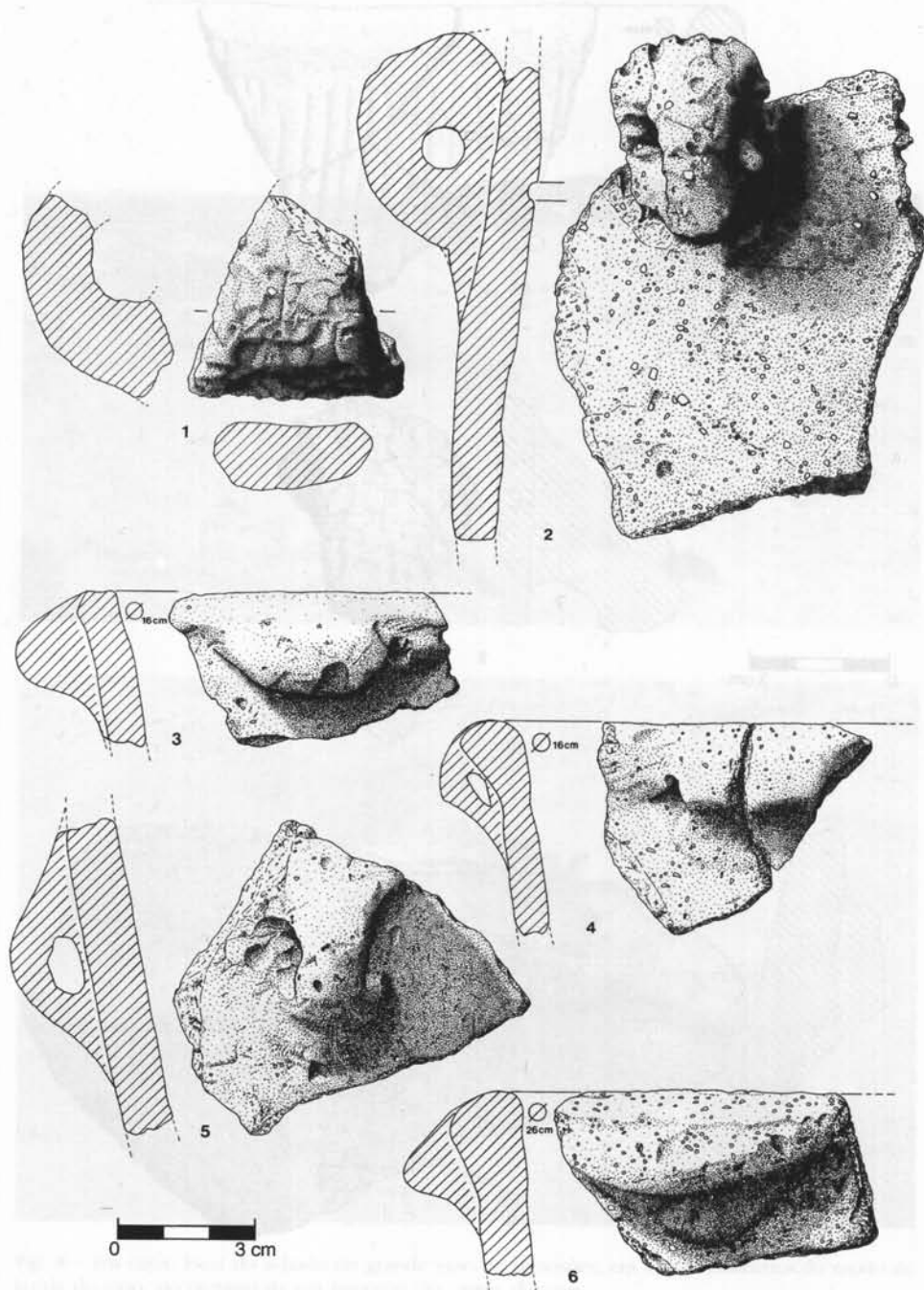


Fig. 10 – Conjunto de fragmentos com elementos de preensão de tipologia diversa.

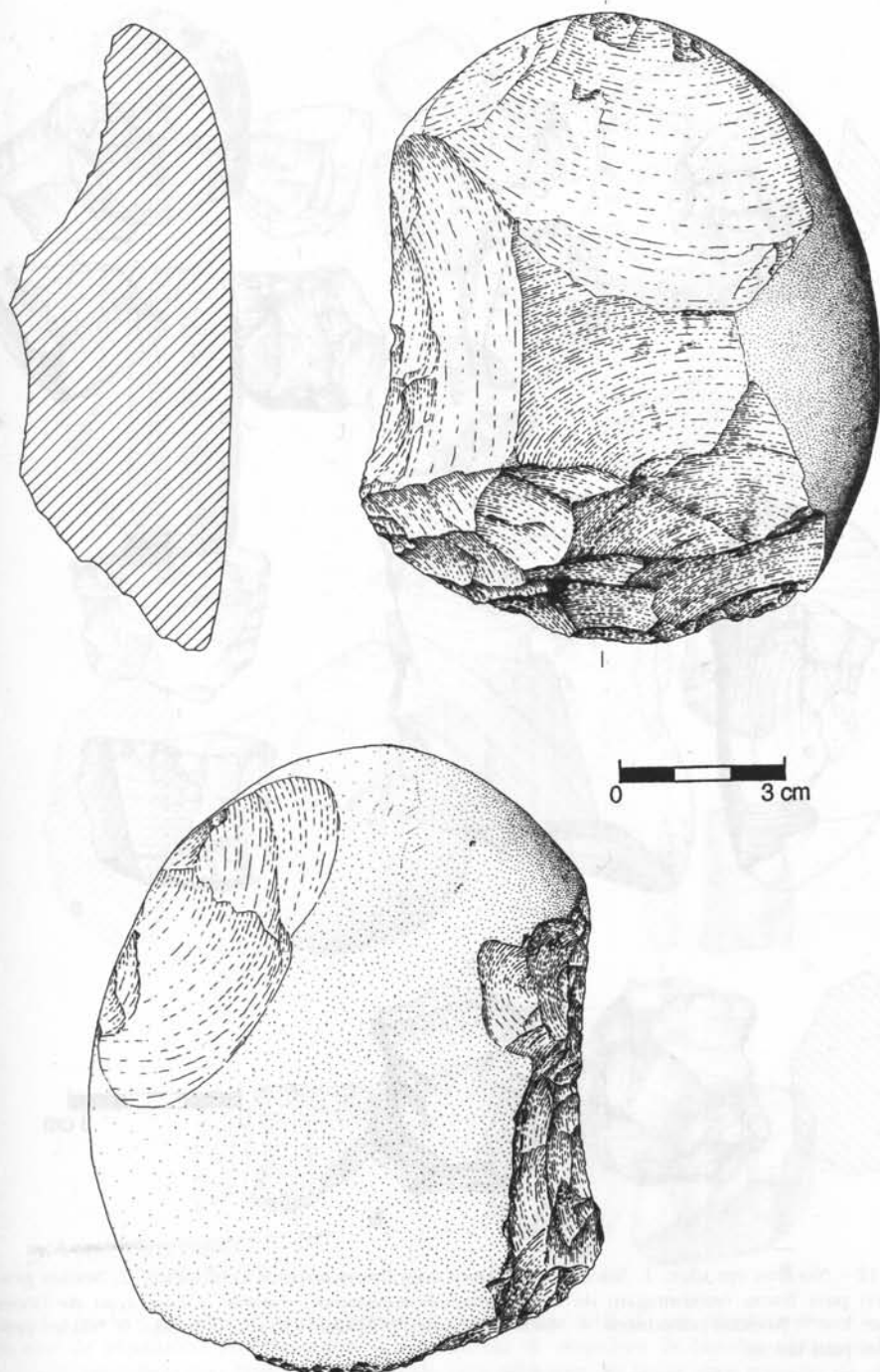


Fig. 11 – Seixo talhado, com flanco côncavo, em grauvaque.

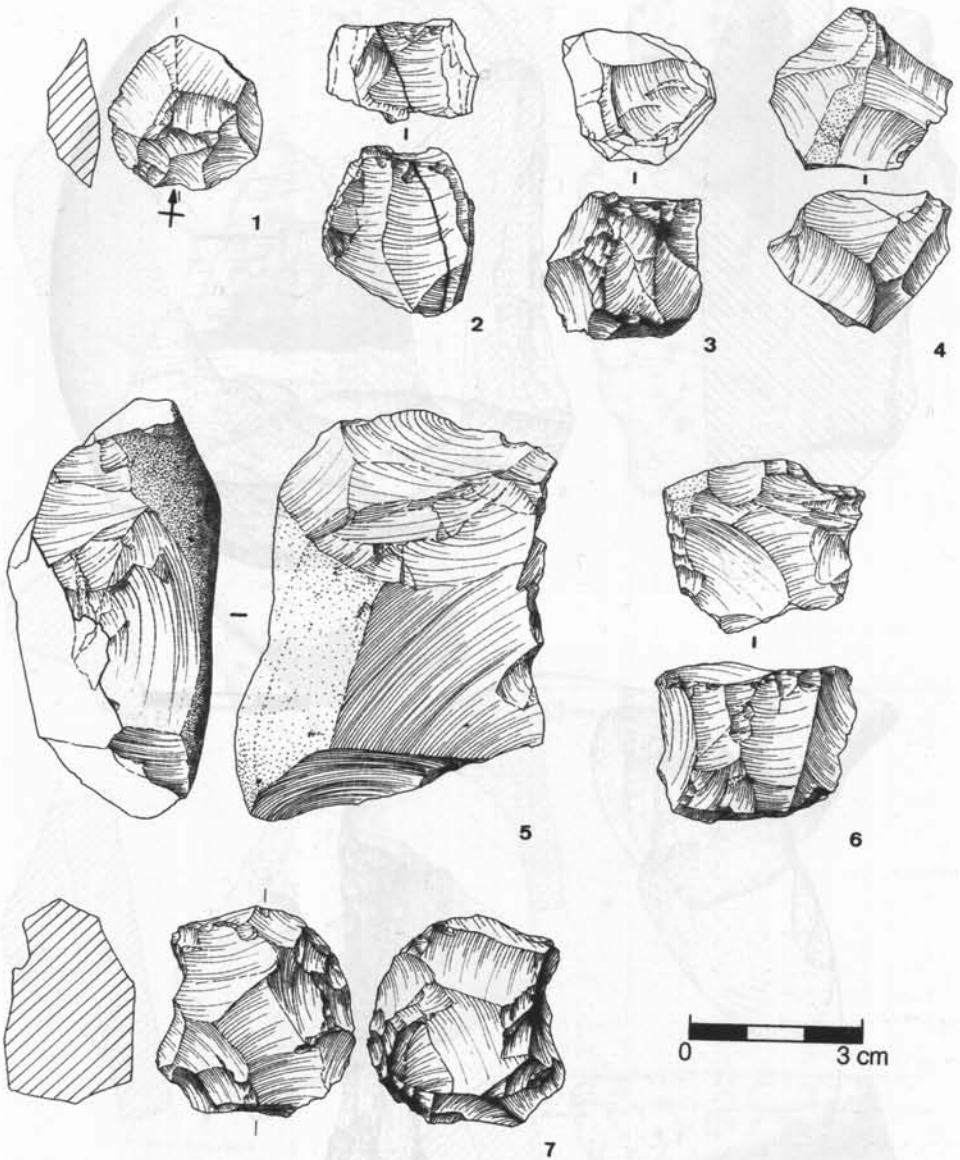


Fig. 12 – Núcleos em sílex: 1. Núcleo sobre lasca com levantamentos centrípetos; 2. Núcleo prismático para lascas (remontagem de duas metades) recuperado durante a escavação da lareira maior; 3. e 7. Núcleos poliédricos; 4. Núcleo discóide; 5. Nódulo clivado debitado; 6. Núcleo prismático para lascas.

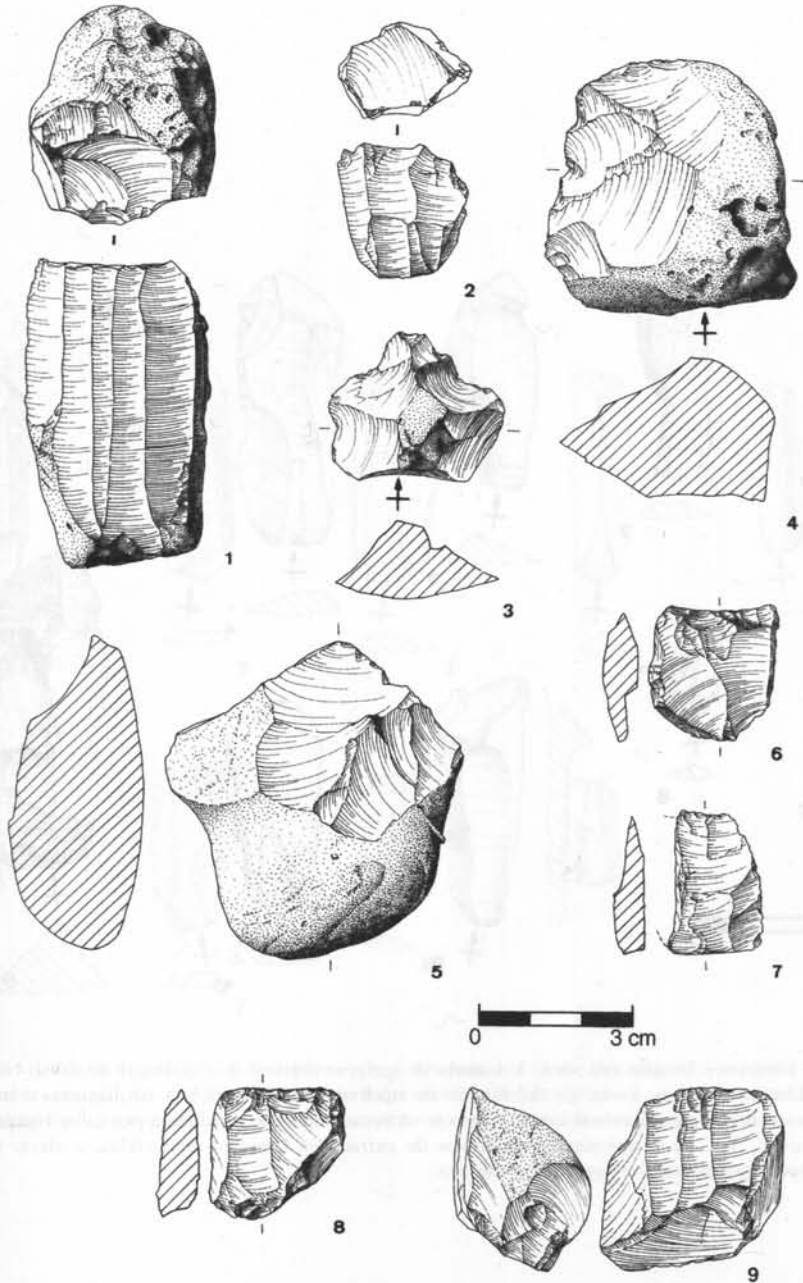


Fig. 13 – Núcleos em sílex: 1. Núcleo prismático para lamelas debitado por pressão (note-se a preparação da plataforma por facetagem e a existência de negativos de lamelas ultrapassadas); 2. Núcleo prismático para lamelas reaproveitado para debitação de lascas após remoção da plataforma original; 3. Núcleo sobre lasca com levantamentos centrípetos; 4. e 5. Nódulos debitados; 6. a 8. Núcleos bipolares; 9. Núcleo prismático para lamelas.

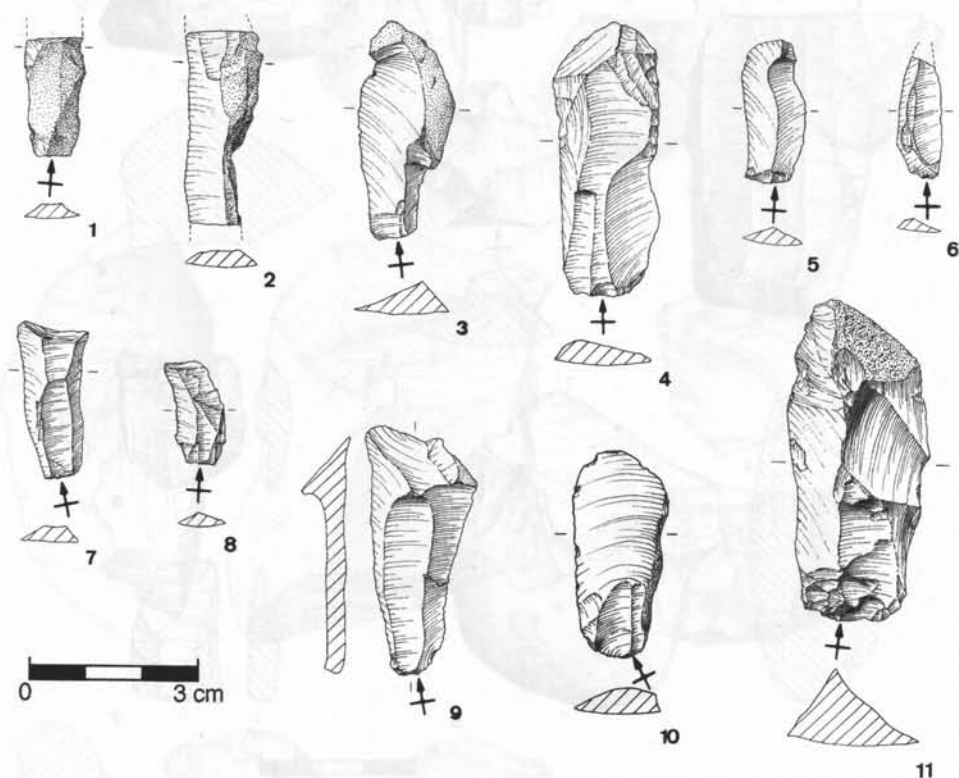


Fig. 14 – Lâminas e lamelas em sílex: 1. Lamela de anverso cortical; 2. e 3. Peças de dorso cortical; 4. e 11. Lâminas de «fase inicial de debitage» de núcleos prismáticos?; 5. a 10. Lâminas e lamelas de contornos irregulares, sendo a lamela sob o n.º 8 verosimilmente produzida por talhe bipolar. Os exemplares 3., 5., 7. e 9. apresentam negativos de extracções lamelares reflectidas, acidente típico na debitage por pressão e percussão indirecta.

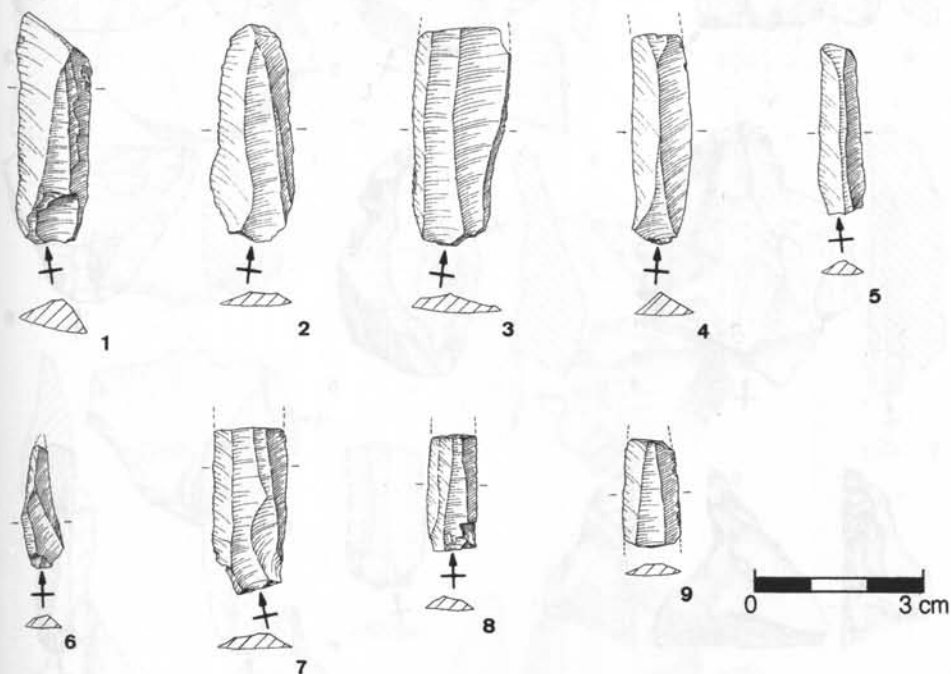


Fig. 15 – Lâminas e lamelas de «fase plena» de debitage em sílex, apresentando bordos e nervuras regulares, com secções predominantemente trapezoidais. Os exemplares 1. a 3. foram recolhidos na escavação da lareira maior; a peça n.º 9 apresenta sinais de utilização no bordo direito.

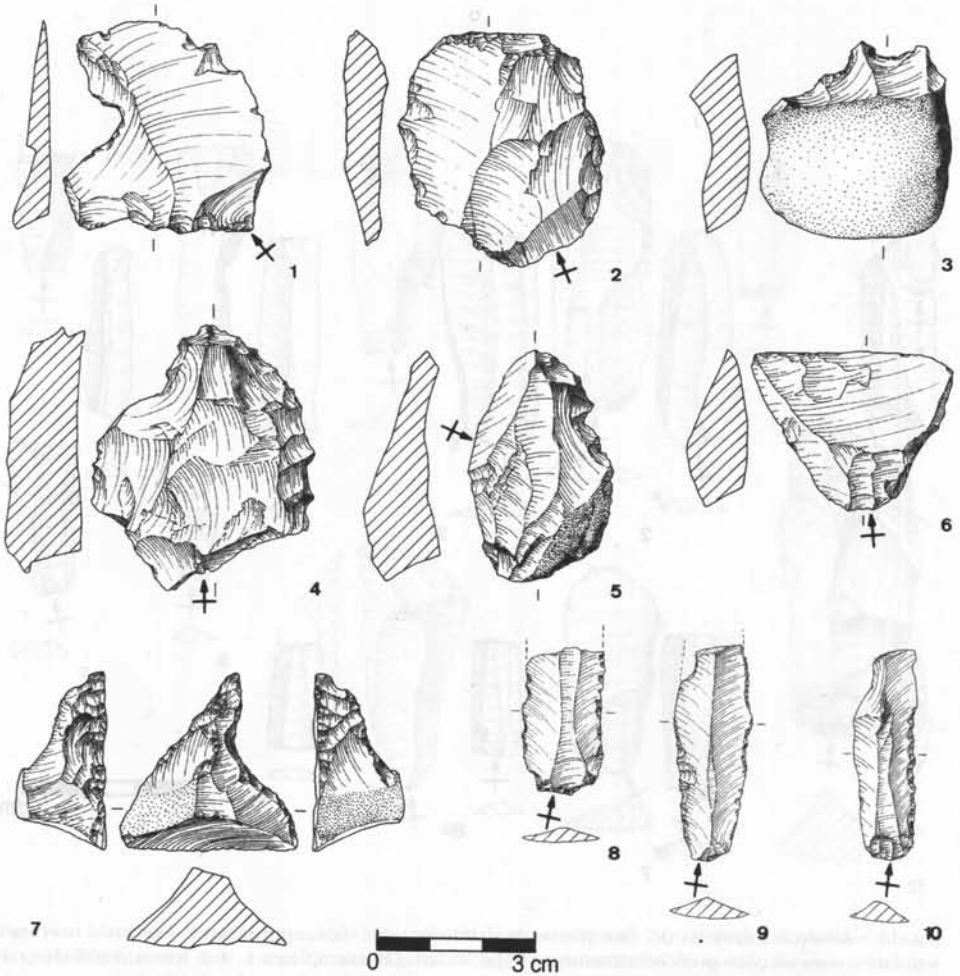


Fig. 16 – Utensílios retocados em sílex: 1. e 5. Lascas com entalhe; 2. Lasca de retoques descontínuos; 3. Denticulado sobre lasca cortical; 4. Raspador; 6. Lasca não cortical de silhueta triangular com alguns retoques invasores no gume maior, tendo sido classificada pelos escavadores como *tranchant* ou «flecha transversal»; 7. Furador sobre lasca; 8. a 10. Lâminas e lamela de «fase plena de debitagem» com retoques contínuos.

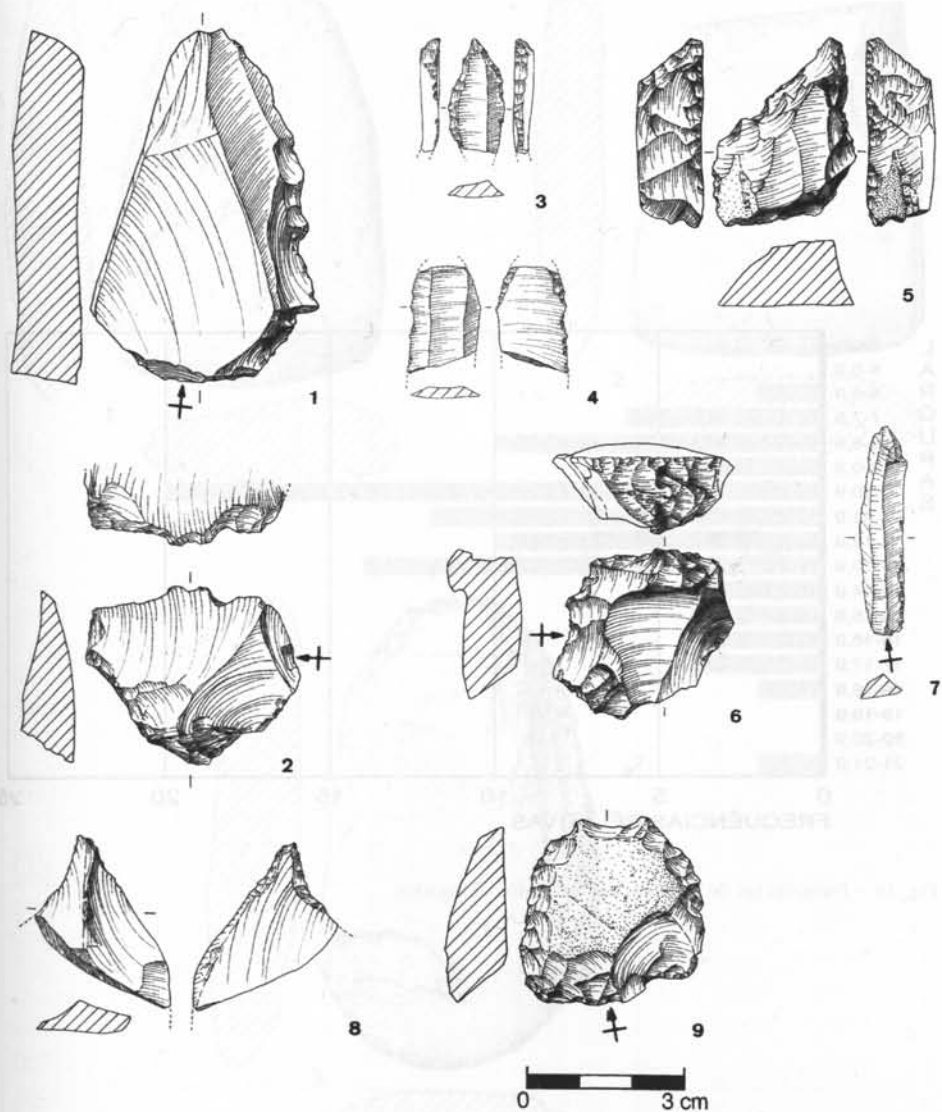


Fig. 17 - Utensílios retocados em sílex: 1. e 2. Lascas denticuladas; 3. Furador sobre lamela; 4. Lâmina retocada; 5. e 6. Lascas truncadas; 7. Lamela retocada; 8. Furador sobre lasca delgada; 9. Raspador sobre lasca cortical.

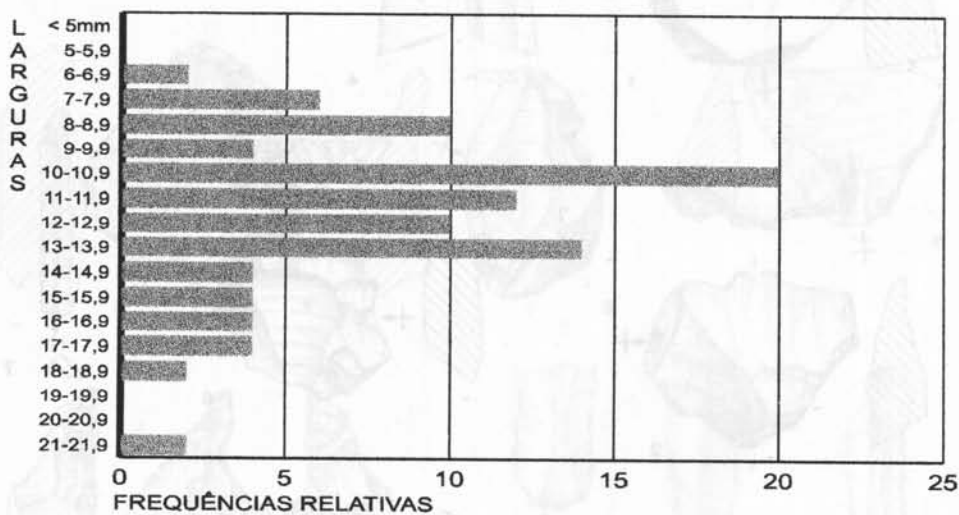


Fig. 18 – Frequências de larguras dos produtos alongados.

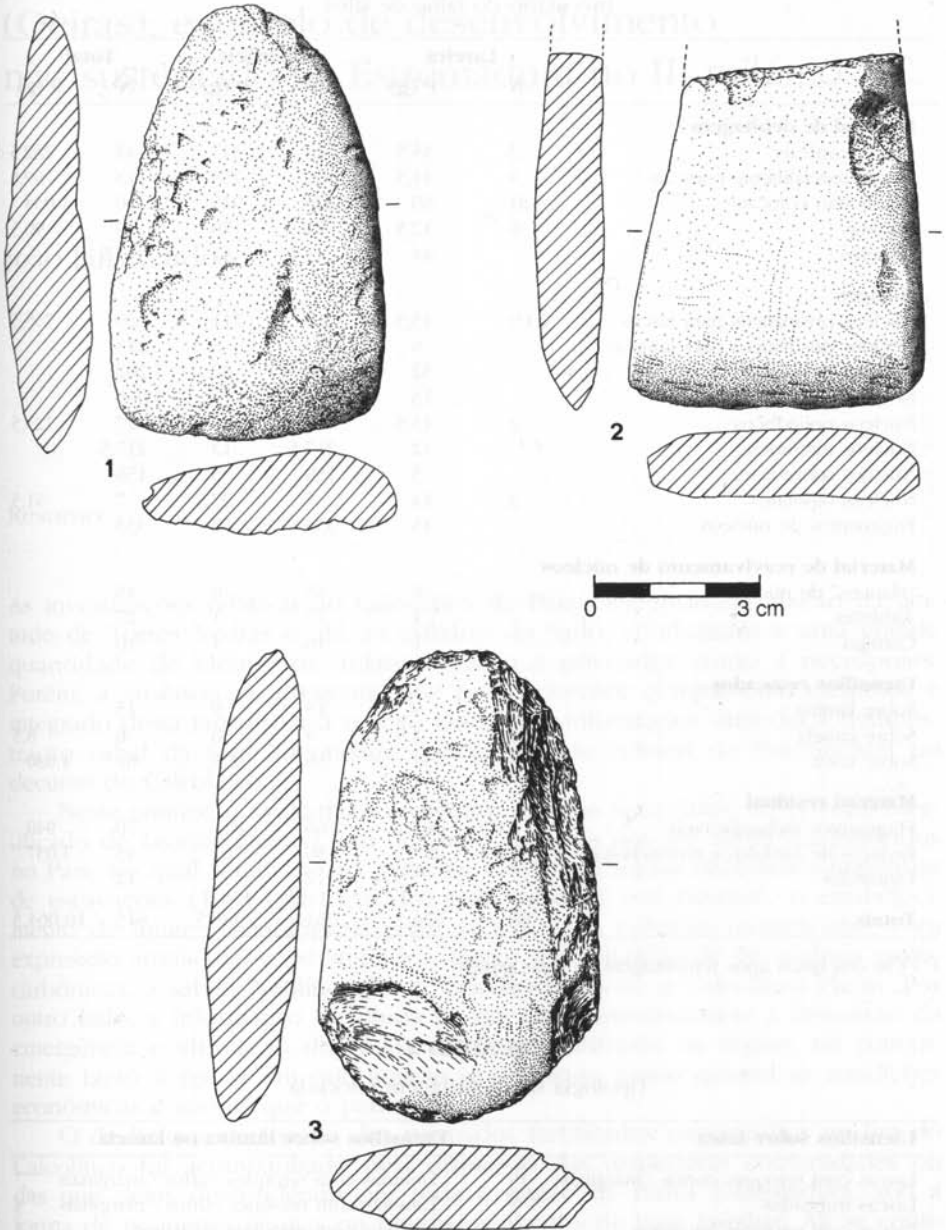


Fig. 19 – Artefactos de pedra polida, de rochas locais (grauvaques e xistos siliciosos), utilizados provavelmente como sachos.

QUADRO 1

Inventário do talhe de sílex

	Lareira		Superfície		Total	
	N	P (g)	N	P (g)	N	P (g)
Material de debitação						
Lascas corticais	3	35,5	40	247	43	282,5
Lascas parcialmente corticais	4	11,5	109	758	113	769,5
Lascas não corticais	21	89	225	945	246	1.034
Lâminas	6	12,5	24	78	30	90,5
Lamelas		44	43,5	44	43,5	
Núcleos						
Núcleos prismáticos para lascas	2 (*)	45,5	18	711	20	756,5
Núcleos prismáticos para lamelas		6	213	6	213	
Nódulos debitados		32	1.262	32	1.262	
Nódulos clivados debitados		13	1.009	13	1.009	
Núcleos poliédricos	2	43,5	25	680	27	723,5
Núcleos discóides		12	217,5	12	217,5	
Núcleos sobre lasca		5	158	5	158	
Núcleos bipolares	2	14	5	27,5	7	41,5
Fragmentos de núcleos		15	333	15	333	
Material de reavivamento de núcleos						
"Flancos" de núcleo		6	45	6	45	
Tablettes		1	27	1	27	
Cornijas		1	16	1	16	
Utensílios retocados						
Sobre lâmina		9	15	9	15	
Sobre lamela	2	3,5	4	6	6	8,5
Sobre lasca	5	52	56	978	61	1.030
Material residual						
Fragmentos inclassificáveis	4 (*)	93	66	847	70	940
Pedaços de nódulos e termoclastos	13 (*)	276	30	761	43	1.037
Esquírolas		5	12	5	12	
Totais	64	676	751	9.388,5	815	10.064,5

(*) Um dos quais após remontagem de duas partes.

QUADRO 2

Tipologia da utensilagem retocada

Utensílios sobre lasca		Utensílios sobre lâmina ou lamela	
Lascas com retoques curtos / marginais	19	Lâminas com retoques curtos / marginais	7
Lascas truncadas	5	Lamelas com retoques curtos / marginais	4
Lascas com retoques invasores	1	Lâminas com retoques invasores	1
Lascas com entalhes	20	Lâminas com entalhes	1
Lascas denticuladas	2	Lamelas denticuladas	1
Raspadores	6	Furadores sobre lamela	1
Furadores sobre lasca	8		
Total	61	Total	15